

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TORNAR-SE MÃE POR ADOÇÃO: A ESPERA POR UM FILHO

MONIQUE SOUZA SCHWOCHOW

Porto Alegre

Março 2018

MONIQUE SOUZA SCHWOCHOW

TORNAR-SE MÃE POR ADOÇÃO: A ESPERA POR UM FILHO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia sob a orientação da Prof.^a Dra. Giana Bitencourt Frizzo.

Porto Alegre

Março 2018

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a algumas pessoas, às quais sem elas este trabalho não seria possível. As trocas durante o tempo de construção desta dissertação sem dúvidas são partes importantes deste trabalho.

Primeiramente, agradeço à professora Dra. Giana Bitencourt Frizzo pelas orientações neste e em outros trabalhos que realizamos. Obrigada por cada sugestão e por cada carinho ao me auxiliar neste percurso. Os ensinamentos ao longo destes dois anos de mestrado são incontáveis e tenho certeza de que a futura jornada de doutorado, ao teu lado, será também de muita aprendizagem.

Agradeço também às professoras que fizeram parte da minha banca de defesa do projeto de dissertação: Rita de Cássia Sobreira Lopes, Milena Silva da Rosa e Tagma Marina Schneider Donelli. As orientações e a sensibilidade de vocês diante do tema fizeram diferença para as análises desta dissertação. Também agradeço aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS por todo conhecimento compartilhado.

Agradeço às minhas colegas de projeto de pesquisa e pós-graduação, Patrícia Santos e Gabriela Resmini. Nosso empenho e trabalho conjunto, visando dar voz às famílias adotivas em seus processos de parentalidade, começam a dar seus primeiros frutos agora, mas, sem dúvidas, uma longa jornada de descobertas nos aguarda.

Sou imensamente grata por todas as trocas com as colegas do Núcleo de Pesquisa e Intervenção com Famílias com Bebês e Crianças (NUFABE): as já citadas Patrícia Santos e Gabriela Resmini, a Roberta Machemer, a Nicole Barros, a Veronica Chaves, a Ana Silva, a Gabriella Pedrotti, a Manoela Mallmann e a Elisa Azevedo. O convívio com vocês torna as atividades de pós-graduação mais leves e divertidas. Obrigada pela parceria. Agradeço, ainda, a duas amigas muito especiais que fiz a partir do meu ingresso no NUFABE: Andressa Milczark e Eduarda Xavier. Obrigada por tudo que partilhamos.

Serei sempre grata também à minha família, em especial aos meus pais Olga e Enio, por sonharem junto comigo e me apoiarem na minha realização profissional e pessoal. Agradeço também aos meus avós, Gelcy e Marly, pela constante torcida pelo meu sucesso e pelos ensinamentos sobre a fé. Vô, sempre lembrarei de ti com muito amor e saudade.

Meu mais carinhoso agradecimento ao Samy Silberfarb. O teu apoio incondicional foi fundamental para a conclusão deste trabalho. Cada palavra, cada carinho e cada gesto de amor amenizaram as dificuldades encontradas nestes anos de mestrado. Obrigada por ser este parceiro incrível. Agradeço, também, à família Silberfarb, por já ser a minha família também.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desse projeto e pela bolsa de estudos disponibilizados.

Ainda, sou grata às participantes desta pesquisa por compartilharem suas histórias comigo, me permitindo conhecer mais sobre suas vivências de espera pela maternidade por adoção.

E, por fim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a construção e desenvolvimento deste projeto de pesquisa e desta dissertação.

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO.....	7
O Processo de Adoção no Brasil.....	8
A adoção de bebês.....	10
Tornar-se mãe por adoção: a espera por um filho.....	11
ARTIGO 1.....	14
Resumo	14
Abstract.....	15
Introdução.....	16
Método.....	23
Resultados.....	27
Discussão.....	32
Considerações Finais.....	39
Referências.....	41
ARTIGO 2.....	45
Resumo	45
Abstract.....	46
Introdução.....	47
Método.....	52
Resultados.....	55
Discussão.....	61
Considerações finais.....	65
Referências.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	74
ANEXO A.....	78
ANEXO B.....	83
ANEXO C.....	84
ANEXO D.....	85
ANEXO E.....	88

RESUMO

Mulheres em transição para a maternidade por adoção vivenciam as transformações psíquicas e a espera por seus filhos enfrentando as adversidades específicas deste contexto. Com frequência, o período que antecede a chegada do filho adotivo é descrito como um momento de preparação para a parentalidade. Nesta etapa, que pode se estender por longos anos, a formação da identidade materna e a significação, através dos sentimentos, do tempo de espera pelo filho adotivo são importantes processos da construção destas famílias. Diante de tais evidências, a presente dissertação dedicou-se a compreender como se dão, no contexto da adoção, as transformações da organização psíquica no sentido de tornar-se mãe e quais são os sentimentos relatados na espera pela adoção em suas diferentes etapas que precedem a colocação da criança na família. Dois artigos compõem esta investigação. As participantes dos estudos foram quatro mulheres, de idades entre 38 e 44 anos, habilitadas e ativas no Cadastro Nacional de Adoção (CNA) há no máximo um ano. No primeiro foi investigado o processo de transformação da organização psíquica das mulheres (*motherhood mindset*), de acordo com Stern, Bruschiweiler-Stern e Freeland (1998), no contexto da maternidade por adoção. Encontrou-se que mulheres em espera pela adoção vivenciam as mudanças próprias da formação da identidade materna, confirmando-se a experiência de gestação psíquica no período que antecede a chegada do filho adotivo. Já no segundo estudo, buscou-se compreender quais os sentimentos relatados por mulheres na espera pela adoção durante o processo de habilitação à adoção e durante a espera na fila do CNA. Os resultados apontaram que, na habilitação à adoção, as mulheres destacaram sentimentos como apreensão, frustração, dor e morosidade. Quando na espera na fila do CNA, estas mulheres enfatizaram sentimentos que foram alocados em duas categorias: esperança e desesperança. A análise destes dois estudos contribui para a literatura sobre a espera pela adoção, dando voz as mulheres que vivenciam este processo marcado por transformações psíquicas e comoções de sentimentos. Espera-se que este trabalho auxilie na compreensão da transição para a maternidade por adoção durante a espera pelo filho adotivo, motivando o cuidado com a saúde emocional destas famílias bem como novos trabalhos que se dediquem a esta temática.

Palavras chaves: maternidade, adoção, identidade materna, *motherhood mindset*, futuras mães por adoção, habilitação à adoção, Cadastro Nacional de Adoção.

ABSTRACT

Women in transition to adoptive motherhood experience the psychic transformations and the waiting for their children facing the specific adversities of this context. Often, the period that precedes the arrival of the adoptive child is described as a time of preparation for parenting. In this stage, which can last for many years, the development of the maternal identity and the significance of the waiting time are important processes of the construction of these families. In face of these evidences, this thesis is dedicated to understand how the transformations of psychic organization occur in the sense of becoming a mother in the context of adoption and what are the feelings manifested during the different stages of the waiting time that precedes the child`s reception in the family. Two papers compose this research. The participants of these studies were four women, aged between 38 and 44 years, qualified and active in the National Adoption Registry for a maximum of one year. In the first, the process of transformation of the motherhood mindset was investigated in the context of adoption maternity according to Stern, Bruschiweiler-Stern and Freeland (1998). It was found that women waiting to adopt a child faced specific changes of the maternal identity development process, confirming the experience of psychic gestation in the period before the arrival of the adoptive child. In the other study, it was sought to understand the feelings in women waiting to adopt during the process of habilitation for adoption and during the waiting period in the National Adoption Registry`s queue. The analysis of these two studies contributes *to the existing literature about the adoption waiting process*, giving voice to these women who experienced this process marked by psychic transformations and feelings commotions. We hope that this thesis helps in understanding the transition to motherhood through adoption during the waiting period for the adopted child, motivating the attention to emotional health care of these families and the elaboration of new studies dedicated to this subject and the promotion of new studies dedicated to this subject.

Key words: maternity, adoption, maternal identity, motherhood mindset, future adoptive mothers, adoption application, National Adoption Registry.

INTRODUÇÃO

Há uma riqueza e uma complexidade de elementos que se relacionam ao tornar-se mãe e pai e ao exercício da parentalidade. Analisando minuciosamente o termo parentalidade, podemos inferir que o sufixo *dade* implica na noção de estudo, ou seja, em conhecimento. Segundo esta lógica, pode-se dizer que a parentalidade refere-se ao estudo dos vínculos de parentesco e dos processos psicológicos que se desenvolvem diante do estabelecimento desses. A parentalidade compreende, portanto, a necessidade de um processo de preparação, considerando-se sua complexidade dentro dos fenômenos naturais de parentesco (Solis-Ponton, 2004).

O ser mãe e o ser pai estão além do aspecto biológico. É necessário um trabalho interior, que começa pela aceitação de que herdamos algo de nossos pais, para compreender o processo de tornar-se mãe ou pai (Solis-Ponton, 2004). Segundo Zornig (2012), não podemos restringir a parentalidade à gestação e ao nascimento de um filho, visto que esta tem seu início já na infância, através de identificações realizadas que influenciam no exercício da parentalidade.

Quando uma mulher e um homem tornam-se pais, eles já aprenderam um repertório de comportamentos de cuidados parentais através da forma como eles eram cuidados pelos seus pais, pela observação, pela brincadeira e pela prática (Stern, 1997; Zornig, 2010). Para além das brincadeiras e fantasias, é interessante que tanto crianças quanto adolescentes tenham a oportunidade de cuidar de crianças e bebês para que possam preparar-se para a maternidade e para a paternidade. As crianças utilizam os adultos como modelos, sobretudo os adultos os quais consideram amados e poderosos (Klaus, Kennell, & Klaus, 2000; Klaus & Kennell, 1993). No entanto, quando à espera de um bebê, é previsto que ocorram transformações identificatórias profundas para os pais, em razão da revivência psíquica de conflitos antigos (Houzel, 2004). Além disso, acredita-se que a parentalidade é capaz de modificar suas relações como um todo - visto que as pessoas mais próximas são reavaliadas durante o curso dessa transição -, assim como o papel dos pais é redefinido dentro de sua família (Stern, Bruschiweiler-Stern & Freeland, 1998).

Não basta ser genitor, nem ser designado como mãe ou pai para preencher as condições necessárias ao “*tornar-se pais*”. É preciso vivenciar este processo complexo que tem implicações em níveis conscientes e inconscientes do funcionamento mental. Henriques, Santos, Caceiro e Ramalho (2015) defendem que, na transição para a parentalidade, os pais passam por mudanças cognitivas, afetivas e comportamentais. Este processo de transição foi descrito por Houzel (2004) através do que este autor intitula como “*Os três eixos da*

parentalidade”. De forma breve, pode-se dizer que este autor discorreu sobre o exercício da parentalidade como: um direito, no sentido jurídico; uma experiência subjetiva, consciente e inconsciente do vir a ser mãe e pai e do preencher os papéis parentais; e uma prática na qual pais e mães aprendem sobre a importância dos cuidados parentais através tarefas cotidianas da família. Ao definir estes três eixos, Houzel (2004) idealizou que o conhecimento destes auxilie aqueles que trabalham com famílias a não se esquecerem de uma dimensão da parentalidade em detrimento de outra. Para o autor, é preciso dar-se conta, concomitantemente, da situação real da criança, da realidade psíquica de cada um dos pais e da dimensão simbólica da parentalidade e da filiação.

Visto a relevância da experiência de parentalidade - tanto para o desenvolvimento psíquico dos pais, quanto do bebê - este estudo irá focar na investigação de aspectos que fazem parte da transição para a maternidade com ênfase em um contexto específico: a adoção. Mães por adoção vivenciam aspectos particulares da sua forma de parentalidade que devem ser estudados e refletidos. Para tanto, acredita-se que é relevante compreender a reorganização psíquica no processo de tornar-se mãe por adoção e o significado da espera nas diferentes fases desta transição para a maternidade. Ao explorar este tema, torna-se necessário, contudo, o entendimento amplo do contexto de adoção no país.

O Processo de Adoção no Brasil

Em sua definição, a adoção ocorre quando é tomada a decisão de exercer a maternidade e/ou a paternidade de uma criança considerada apta para o processo. É uma forma de filiação que resgata a possibilidade, para a criança, de viver em família. É, ainda, considerada uma nova forma de se constituir uma família, oportunizando aos pais a possibilidade de exercerem a maternidade/paternidade afetiva (Souza & Casanova, 2012).

A adoção representa o estabelecimento de um relacionamento afiliativo (em aspectos jurídicos, sociais e afetivos) entre a criança e seus pais adotivos. A possibilidade da realização da adoção surgiu diante da numerosa demanda de crianças abandonadas e em situação de risco existente no período histórico do Brasil Colonial. Estas crianças eram socialmente consideradas praticamente invisíveis e costumavam andar pelas ruas, quando não eram deixadas em rodas dos expostos¹, em casas de terceiros ou com suas amas de leite. Estas ocorrências levaram à mobilização e à criação de instituições - inicialmente, muitas, ligadas às organizações religiosas - que pudessem intervir frente a este drama infantil (Nabinger, 2010).

¹ Roda dos expostos: mecanismo (em forma de tambor ou portinhola giratória) embutido em uma parede de maneira a garantir que aquele que abandonava a criança recém-nascida não era visto por aquele que a recebia.

É possível afirmar que na base de toda adoção há uma história de rompimento precoce dos vínculos afetivos. A adoção surge, pelo olhar da Psicologia, como a oportunidade de crianças abandonadas reconstruírem sua identidade através de um relacionamento satisfatório com seus pais adotivos (Santos, Raspantini, Silva, & Escrivão, 2003). Entende-se que a adoção existiu, no Brasil, em todas as épocas – muitas vezes, inclusive, de forma sigilosa, sendo um segredo familiar a ser mantido. Foi a partir do exame da evolução do processo de adoção no país que ficou evidente que a adoção surgiu de forma desordenada, atendendo muito mais as necessidades dos adultos do que da criança. Por não existirem organizações governamentais que garantissem os direitos humanos destas crianças, muitos casais que, por variados motivos, não podiam procriar, dispunham-se a adotar um filho. A dificuldade neste processo era, no entanto, da criança, pois esta precisava provar sua normalidade (ser capaz de ouvir, enxergar, caminhar e falar) para tornar-se cobiçada pelos candidatos à adoção (Nabinger, 2010).

Nos primórdios, bastava aos candidatos não serem considerados loucos para estarem aptos à parentalidade adotiva. As crianças eram distribuídas sem uma atenção especial ao processo de adaptação à nova família. Chegava-se à justiça somente nos casos em que uma mãe biológica arrependida tentava reverter a adoção, ou quando a criança começava a “dar problema” para seus pais adotivos, ou seja, por situações de conflito (Nabinger, 2010). Nos últimos anos, uma nova cultura de adoção vem ganhando espaço, no sentido de buscar famílias para crianças e não crianças para famílias, priorizando, assim, um novo projeto de família, atribuindo novos sentidos à maternidade e à paternidade adotivas (Baumgarten, Busnello, & Tatsch, 2013; Weber, 2011).

A legislação brasileira enfrentou e continua enfrentando diversos problemas em relação à legalização e à consolidação do processo de adoção de forma a garantir os direitos da criança. Nabinger (2010) aponta que profissionais e instituições envolvidos no processo de adoção parecem ter se atentado para a necessidade de criação de políticas públicas, neste contexto, há cerca de quatro décadas - quando o autor refere que houve um movimento geral de conscientização sobre a causa.

Atualmente, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) no Brasil assegura que crianças e adolescentes têm direito ao convívio comunitário e familiar, sendo a colocação na família adotiva um processo gradativo que envolve preparação e acompanhamento da equipe interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude. A Nova lei da adoção (2009), que foi redigida com base nas premissas do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), garante os mesmos direitos e deveres de qualquer filho à criança ou adolescente adotado. Ainda, ela afirma que a adoção é uma medida irrevogável e definitiva, que desliga o adotado

de qualquer vínculo com os pais biológicos. Estabelece-se, assim, o compromisso de que os componentes da família adotiva devem e podem ser tão cooperativos e amigos quanto os componentes da família biológica (Santos, 1987).

A adoção de bebês

Os pretendentes à adoção, geralmente, exprimem de maneira direta – ou, às vezes, indireta – suas sensibilidades frente ao processo de adoção. Essas, comumente, estão relacionadas à escolha da criança. Pensando na demanda dos pais, é importante compreender que as escolhas e, também, as não-escolhas feitas, implicam no que eles possuem de mais íntimo (Hamad, 2002).

O perfil de criança mais procurado para adoção tem mantido-se o mesmo ao longo do tempo: menina, branca e recém-nascida (Amim & Menandro, 2007; Gondim et al., 2008; Weber, 2003). Costa e Campos (2003) e Viera (2004) apontam que a idealização da adoção de uma criança recém-nascida e com semelhanças físicas com os pais adotivos pode estar intimamente ligada ao desejo de imitar, ao máximo, a situação biológica e/ou, ainda, acobertar temores e receios com relação à história de origem e genética da criança. No estudo recente de Giacomozzi, Nicoletti e Godinho (2015), com participantes pretendentes de adoção, as explicações para a escolha de uma criança branca fundamentaram-se na semelhança com os pais, assim como apontado anteriormente por Costa e Campos (2003) e Viera (2004), e, ainda, na possível prevenção de que a criança sofra algum tipo de preconceito por suas diferenças físicas em relação aos pais adotivos. Homens e mulheres brancos são os que mais buscam a adoção no Brasil (Weber, 2003).

Sobre o sexo do bebê adotado, alguns autores explicam que a escolha por meninas está ligada às representações de que essas são mais dóceis e mais suscetíveis a adaptação em novos ambientes (Gondim et al., 2008) e, até mesmo, de que meninas são mais fáceis de criar do que meninos (Hamad, 2002). Por outro lado, alguns pais negam a especificidade do sexo do filho adotivo, tentando tornar o processo de adoção mais semelhante e equivalente a uma gestação (Amim & Menandro, 2007; Hamad, 2002).

Além disso, a escolha por recém-nascidos parece ser justificada pelos pretendentes à adoção de diversas formas. Dentre estas motivações, o entendimento do bebê como uma folha em branco, na qual os pais podem escrever sua própria história, parece significativo para os adotantes. A ideia de “molde” da criança, variando de acordo com sua idade na inserção na família, aparenta ser uma forte justificativa para os pais adotivos (Hamad, 2002; Huber & Siqueira, 2010; Rosa, 2008). Pais esses que alegam o desejo por um bebê recém-nascido

baseados em querer educá-los do seu jeito, no desejo de que a criança se acostume com eles desde bebê, no querer curtir a fase bebê do filho adotivo, ou então na vontade de passar por todas as etapas da criança junto a ela (Amim & Menandro, 2007).

A pesquisa de Weber (2003), que buscou identificar os dados demográficos da família adotiva no Brasil, aponta que a maioria absoluta (71,4%) das crianças adotadas tinha até três meses de vida no momento da adoção. Bebês de quatro a doze meses de vida representavam 8,8% das adoções no país, enquanto crianças de onze a vinte e quatro meses correspondiam a 5% das adoções brasileiras.

O teórico sobre cuidados maternos e saúde mental, Bowlby (2006), defende a adoção de crianças logo após o seu nascimento como fator de proteção a saúde mental dessas. Ele acredita que a permanência junto a uma mãe que não deseja continuar com o bebê (e que pode, até mesmo, rejeitá-lo e negligenciá-lo) ou a inserção da criança em lar substituto, aumentam as chances de prejuízo desenvolvimental. Bowlby (2006) afirma que a adoção imediata após o nascimento é igualmente mais interessante para os bebês – que tem a oportunidade de desenvolver relações favoráveis – e para os pais – que sentirão o bebê como deles e permitirão identificações com suas próprias personalidades mais facilmente.

Podemos inferir, assim, que a adoção de bebês apresenta-se, profundamente, relacionada à ideia de concepção de um filho como o seria caso os pais adotivos vivenciassem uma gestação biológica. A percepção de uma constituição familiar biológica como sendo o modelo mais tradicional e efetivo traz implicações para muitos pais adotivos que tentam, dentro do possível, assemelhar seus processos de formação familiar aos do modelo biológico, apesar das particularidades estarem nítidas.

Tornar-se mãe por adoção: a espera por um filho

Tanto famílias adotivas quanto famílias biológicas estão sujeitas a experiências variadas, que podem ser agradáveis ou não. A principal diferença entre essas famílias é a maneira como a criança chega para seus pais, através do nascimento ou da adoção. Todos os pais - sejam eles biológicos ou adotivos - precisam aprender seus papéis enquanto pais (Baumgarten, Busnello, & Tatsch, 2013; Morelli, Scorsolini-Comin, & Santeiro, 2015; Rondell & Michaels, 1967; Winnicott, 2006).

É importante que os pais e mães por adoção estejam abertos a adaptação e elaboração psíquica próprias desta forma de parentalidade. Neste processo, o planejamento tem um papel relevante. Criar planos sobre o ser mãe e/ou pai refere-se a colocar-se em uma posição de empatia e compartilhamento com o outro. Conscientizar-se das ações de ter um filho e sonhar

com a adoção também são aspectos importantes do planejamento da parentalidade. Outro ponto relevante é a autonomia, uma vez que o planejamento da parentalidade deve partir de uma opção pessoal daqueles que almejam tornarem-se pais (Sanches & Simão-Silva, 2016). Estes apontamentos sugerem um trabalho emocional por parte dos pais e mães no sentido de preparar-se para a parentalidade por adoção.

Alguns autores indicam a imprescindibilidade de uma transformação emocional capaz de promover as mudanças necessárias para receber um filho adotivo (Morelli et al., 2015; Schettini Filho, 1998; Souza & Casanova, 2012). Morelli et al. (2015) assinalam que mães e pais que aguardam na fila de adoção e anseiam pela chegada do filho adotivo devem adaptar o espaço psíquico e físico para a sua chegada. Para estes autores, tanto o ambiente físico, quanto o psíquico, interferem na constituição subjetiva do adotado, mesmo antes de sua chegada de fato. São os elementos construídos neste processo de preparação para a parentalidade que fazem com que pais e filhos sintam-se confortáveis em seus novos papéis, criando espaço para o estabelecimento da autonomia, da confiança e da reciprocidade nesta relação.

As transformações psíquicas próprias da transição para a maternidade por adoção, especialmente durante a espera pela chegada do filho adotivo, têm sido pouco investigadas na literatura. Autores como Heisler e Ellis (2008) apontaram que estas modificações acontecem de forma independente da gestação biológica, ou seja, o caráter fisiológico não é capaz de explicar as transformações psíquicas da transição para a maternidade. Tendo em vista isso, estudos que se dedicam a temática da adoção, como o de Cecílio e Scorsolini-Comin (2016) e Schettini, Amazonas e Dias (2006), sugerem que a “gestação de um novo papel” é imprescindível. Esta gestação de cunho unicamente emocional auxilia na formação da identidade materna em mães por adoção (Heisler & Ellis, 2008).

Além das transformações psíquicas ligadas a transição para a maternidade, mulheres em espera pelo filho adotivo parecem experienciar diversos sentimentos decorrentes do tempo em que aguardam. A literatura não elenca estes sentimentos de forma clara e, por vezes, o faz de forma pouco específica quanto à etapa de espera investigada (Costa & Kimmelmeier, 2013; Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003; Fontenot, 2007; Huber & Siqueira, 2010; Mahl & Jaeger, 2011; Schettini et al., 2006). Ainda, Sandelowski, Harris, & Holditch-Davis (1991) sugerem que a falta de marcadores temporais dificulta a significação da espera pela adoção. Explorar os sentimentos vivenciados durante a espera pela adoção parece ser uma forma de conhecer melhor as experiências destas mulheres que aguardam pelo filho adotivo.

Diante de tais inferências, a presente dissertação de mestrado teve como objetivo conhecer a reorganização psíquica na transição para a maternidade por adoção e os sentimentos relatados nas diferentes etapas de espera pelo filho adotivo. Para tanto, a

dissertação foi composta por dois artigos. O primeiro, intitulado “A reorganização psíquica do tornar-se mãe no contexto da maternidade por adoção” dedicou-se a entender como se dá o processo de transformação psíquica, de acordo com o conceito de *motherhood mindset* (Stern et al., 1998), no contexto da maternidade por adoção. Já o segundo artigo, nomeado “Mães em espera pela adoção: sentimentos relatados na habilitação à adoção e na fila do Cadastro Nacional de Adoção” objetivou compreender quais os sentimentos relatados por mulheres em espera pela adoção em dois diferentes momentos: na espera no processo de habilitação à adoção e na espera na fila do Cadastro Nacional de Adoção (CNA). Esta investigação foi motivada pela percepção da carência de uma organização clara na literatura sobre estes dois diferentes momentos de espera.

Os dois artigos que integram esta dissertação são derivados do projeto “Transição para a parentalidade adotiva: pesquisa e intervenção” (Frizzo et al., 2016), que foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Anexo A), sob o protocolo número 58061816.4.1001.5334. Este projeto foi contemplado com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no Edital Universal de 2016, através do qual foi possível realizar a coleta de dados que compõe esta dissertação.

ARTIGO 1

A reorganização psíquica do tornar-se mãe no contexto da maternidade por adoção

Resumo

As transformações do processo de tornar-se mãe, que iniciam antes mesmo da chegada do bebê, levam a construção de uma identidade materna. Neste estudo, mulheres em espera pela adoção de bebês foram entrevistadas com o objetivo de se compreender como é o processo de transformação psíquica, de acordo com o conceito *motherhood mindset* (Stern, Bruschiweiler-Stern, & Freeland, 1998), no contexto da maternidade por adoção. As participantes foram quatro mulheres, com idades entre 38 e 44 anos, que esperavam por bebês de 0 até 2 anos de idade e eram recém habilitadas e ativas no Cadastro Nacional de Adoção. Através da análise temática (Braun & Clarke, 2006) foi possível identificar que as futuras mães por adoção vivenciam as transformações psíquicas do tornar-se mãe antes mesmo do contato propriamente dito com seus filhos. Ainda, encontrou-se que o período que antecede a chegada do bebê pode ser referenciado como uma gestação psíquica na qual o papel de mãe é construído. Os achados apoiam a literatura que indica a vivência de transformações psíquicas da maternidade independentemente da experiência de gestação.

Palavras chaves: maternidade, adoção, identidade materna, *motherhood mindset*.

Abstract

The transformations of the process of becoming a mother, which begin before the birth of the baby, lead to the development of a maternal identity. In this study, women awaiting the adoption of infants were investigated in order to understand the process of psychic transformation according to the concept of the motherhood mindset (Stern, Bruschweiler-Stern, & Freeland, 1998) in the adoption context. The participants of this study were four women aged between 38 and 44 years newly qualified and active in the National Adoption Registry, who were waiting for infants from 0 to a maximum of 2 years old. Through thematic analysis (Braun & Clarke, 2006), it was possible to identify that future adoptive mothers experience the psychic transformations of becoming a mother even before the first contact with their adopted babies. It has also been found that the period before the baby's reception can be referred to as a psychic gestation in which the role of mother is built. These findings support the literature that suggests that the experience of psychic transformations of motherhood does not depend on pregnancy experience.

Key words: maternity, adoption, maternal identity, motherhood mindset.

Introdução

Em definição, a adoção acontece quando é estabelecido um relacionamento afiliativo, - em termos jurídicos, sociais e afetivos - entre uma criança e seus pais adotivos (Nabinger, 2010). Este processo diz respeito à tomada de decisão, por parte dos pais adotivos, de exercer a maternidade e/ou a paternidade de uma criança que não goza mais do convívio com sua família biológica e está apta para adoção. Esta forma de filiação resgata para as crianças a possibilidade de viver em família e oportuniza, aos pais, o exercício da parentalidade afetiva (Souza & Casanova, 2012).

A principal diferença entre famílias adotivas e biológicas é a maneira como a criança chega para seus pais, através do nascimento ou da adoção. Alguns autores apontam para a necessidade de uma preparação, em termos emocionais, para a chegada do filho adotivo (Morelli, Scorsolini-Comin, & Santeiro, 2015; Schettini Filho, 1998; Souza & Casanova, 2012). O tempo de espera pela adoção pode ser compreendido como um espaço para aquisição de informações e, também, para a construção da parentalidade destes pais. Para simbolizar este processo, a literatura destaca a importância de uma gestação psicológica na transição para a maternidade por adoção (Huber & Siqueira, 2010; Mahl & Jaeger, 2011; Schettini, Amazonas, & Dias, 2006), através da qual se torne possível sonhar, imaginar e refletir sobre o exercício parental (Morelli et al., 2015).

A experiência pessoal de maternidade ou as mudanças físicas durante a gestação não são capazes de explicar totalmente o desenvolvimento de uma identidade de maternidade nas mulheres. Mesmo as mulheres que não têm a experiência física da gestação, como nos casos de adoção, são capazes de desenvolver esta identidade - enfrentando adversidades tais como as mulheres que dão à luz de fato (Heisler & Ellis, 2008). Cecílio e Scorsolini-Comin (2016) apontam a necessidade da “gestação de um novo papel”. Os autores acreditam que neste importante momento do ciclo vital, o tornar-se pais, é preciso dedicar-se aos ajustes e adaptações que as novas tarefas e necessidades da parentalidade irão exigir.

O ser mãe e o ser pai estão além do aspecto biológico (Solis-Ponton, 2004). Como afirmam Stern, Bruschiweiler-Stern e Freeland (1998), “uma mãe tem que nascer psicologicamente tanto quanto seu bebê nasce fisicamente” (p.3). Ao desenvolver esta reflexão, estes autores explicaram o que eles nomeiam de *motherhood mindset*². Segundo este conceito, quando uma mulher dá à luz em sua mente, essa ação não deve ser interpretada como o nascimento de um novo ser humano, mas sim como a aquisição de uma nova

² Este conceito não foi traduzido para o português (brasileiro) a fim de evitar conflitos com o termo “mentalidade” já aplicado na área da Psicologia no país.

identidade: o sentido de ser mãe. Como essa identidade emerge em cada mulher e como ela sente este processo faz parte de sua experiência particular de maternidade.

Os autores propuseram este termo, *motherhood mindset*, para explicar o “estado de espírito” que se desenvolve em uma mulher a partir da gravidez (Coll, Surrey, & Weingarten, 1999). Este conceito se assemelha à ideia de Constelação da Maternidade desenvolvida por Stern (1997) e apresenta mudanças, porém de forma mais sistemática, as quais as mulheres vivenciam durante sua transição para a maternidade. No presente estudo, estas transformações construídas a partir do processo biológico de maternidade serão refletidas no contexto da maternidade por adoção. Antes disso, nesta introdução, o conceito *motherhood mindset* será discutido, conforme os autores (Stern et al., 1998) o apresentam.

O exercício do papel materno (Piccinini, Gomes, De Nardi, & Lopes, 2008), assim como *motherhood mindset*, emerge, na maternidade biológica, desde a gestação. Não há um momento definido, mas acredita-se que gradualmente esta nova organização psíquica surge como fruto do trabalho cumulativo nos meses que precedem e seguem o nascimento propriamente dito do bebê (Stern et al., 1998). As dinâmicas do cuidado, da cooperação e da criatividade parecem ser colocadas em primeiro plano, enquanto que as relacionadas ao sexo, à agressão, à concorrência e ao domínio são postas em segundo plano (Coll, Surrey, & Weingarten, 1999).

Para Stern et al. (1998), *motherhood mindset* é o que auxilia as mães a organizarem suas vidas mentais e torna-as coerentes, enquanto indivíduos, com o que de fato elas são. Esta organização psíquica é capaz de determinar o que o sujeito considera mais importante, ao que ele é mais sensível e o que ele percebe em determinada situação. Além disso, ela dita o que parece agradável ou excitante, assustador ou chato. Funções relacionadas à capacidade de cuidar, proteger e empatizar adequadamente com o bebê são integradas à nova identidade de mãe (Slade, Cohen, Sadler, & Miller, 2009). Esta nova organização psíquica afeta, portanto, as escolhas e tendências que as pessoas têm nos mais diversos momentos de vida.

Para Stern et al. (1998), essa nova organização psíquica domina o funcionamento da mulher, fazendo-a reagir emocionalmente de forma diferente do período anterior a maternidade. Pode-se afirmar que, no curso da transição para a maternidade, a mãe entra em uma esfera de experiências desconhecidas para mulheres que não são mães (Stern et al., 1998).

Não é meramente uma nova organização que irá existir ao lado do “eu” anterior da mulher. Para uma mãe, esta nova organização psíquica será necessária por um tempo para orientar sua caminhada de vida. Toda esta transformação irá ocorrer dentro do psiquismo da mãe enquanto que, do lado de fora, ela estará aprendendo a lidar com uma série de novas

tarefas relacionadas à alimentar, cuidar, brincar, colocar para dormir e começar a amar seu bebê (Stern et al., 1998).

É comum que as mulheres se perguntem se esta organização psíquica irá durar para sempre. Stern et al. (1998) acreditam que, com o passar do tempo e a realidade prática e financeira, assim como a volta ao trabalho, as mães vivenciam uma perda da intensidade de sua organização psíquica centrada na maternidade. Porém, esta não desaparece, ela aguarda determinados momentos para ressurgir, como, por exemplo, quando a criança fica doente, ou está com problemas ou em perigo. Pode-se apontar, então, que essa nova organização psíquica irá acompanhar a mulher permanentemente. Coll, Surrey e Weingarten (1999) reiteram que *motherhood mindset* tem um movimento flexível: recua e transforma-se, ao longo da vida da díade mãe-filho.

Algumas transformações são apontadas por Stern et al. (1998) como importantes para imersão nesta nova organização psíquica da maternidade, nomeado como *motherhood mindset*: a mudança de filha para mãe; voltar-se para outras mulheres; ver seu marido diferentemente; formar novos triângulos; garantir a sobrevivência do seu bebê; buscar afirmação; amar e ser amada; encontrar as sensibilidades alteradas; aceitar sua intuição; equilíbrio entre o bebê e a carreira; encontrar um novo lugar na sociedade; encontrar um novo papel na família; escrever um novo calendário; e descobrir suas próprias tarefas.

A mudança de filha para mãe ocorre quando a mulher deixa o lugar de filha de sua mãe (central antes para sua identidade) para perceber-se como mãe de seu bebê. Com essa modificação básica do tornar-se mãe - que ocorre em um curto período de tempo - a mulher pode experimentar uma profunda perda e, ao mesmo tempo, um maravilhoso ganho. Segundo Stern et al. (1998), essa vivência é capaz de explicar o real significado de sentir-se feliz e triste ao mesmo tempo.

O voltar-se para outras mulheres diz respeito à necessidade das mães - após terem seus bebês - de estarem em contato com outras mulheres, especialmente as que vivenciaram ou estão vivenciando a maternidade. As conexões sociais estabelecidas ou fortalecidas durante a gestação influenciam significativamente a experiência de tornar-se mãe para as mulheres (Darvill, Skirton, & Farrand, 2010). Além disso, a mulher interessa-se muito mais pelo passado de sua mãe enquanto mãe, do que sobre seu momento atual. Esse fenômeno acontece, paralelamente, a certa independência dos homens (Stern et al., 1998).

Ver seu marido diferentemente é apontada como outra transformação na vida das mulheres no curso da transição para a maternidade. É comum que as mães estejam mais interessadas em como o seu parceiro é como pai de seu bebê do que enquanto seu companheiro. Os homens, frequentemente, acham difícil entender essa mudança,

especialmente pela diminuição do desejo sexual das mães. É preciso que mães e pais façam um esforço conjunto para não tornar a relação conflituosa diante das transformações. Em um desenvolvimento saudável deste aspecto é esperado que o casal encontre cuidado mútuo, cooperação e criatividade para dar espaço à relação conjugal dentro da nova configuração familiar (Stern et al., 1998). Segundo Lobo (2008), que se baseia em conceitos de Winnicott, somente quando o casal possui um relacionamento suficientemente bom, no qual há amor de forma recíproca entre os parceiros, é possível incluir o bebê na relação familiar.

Quando Stern et al. (1998) referem-se à formação de novos triângulos, eles não estão falando do que sugere o senso comum (mãe, pai e bebê). Os autores propõem a visão da dinâmica de outro triângulo: mãe, seu bebê e sua própria mãe. Com o desenvolvimento da nova organização psíquica da maternidade (*motherhood mindset*), a história da mãe sobre sua própria educação e os cuidados que recebeu no passado são colocados em questão. Além disso, as mães perguntam, com frequência, como agiram suas próprias mães e outras figuras maternas em determinadas situações, examinando, assim, o que consideram adequado ou inadequado nos modelos para formam seus papéis enquanto mãe.

Como exemplo da influência da mãe da gestante, o estudo de Costa, Prates e Campelo (2014) sugere que a mãe, através de seus aconselhamentos, exerce influência na escolha do tipo de parto que as gestantes acabam por optar. Ainda, a análise da relação da gestante com sua própria mãe aponta para o fator da transmissão transgeracional. É preciso que, psiquicamente, a nova mãe seja capaz de utilizar seus recursos emocionais de forma a extrair tendências positivas para sua maternidade da relação com sua própria mãe - do contrário, este poderá ser um fator consternante ao seu processo de tornar-se mãe (Lobo, 2008).

Sobre garantir a sobrevivência do seu bebê, essa é uma situação altamente complexa para qualquer um, especialmente para uma mãe pela primeira vez. É assustador saber que o bebê que ela segura é sua maior responsabilidade na vida. Após os meses iniciais, nos quais a maioria das mães preocupa-se exaustivamente sobre manter o bebê vivo, surgem as responsabilidades de mantê-lo crescendo e prosperando. Apesar dessa experiência parecer inicialmente amedrontadora, o prazer de ver o bebê florescendo traz a sensação de sucesso e o sentido de validação de que a mulher tem a habilidade de dar ao seu bebê o que ele precisa, e, portanto, de fato, ela é uma mãe (Stern et al., 1998). Ainda, dar-se conta de que o bebê sobreviveu, é a comprovação de que a mãe foi capaz de proporcionar as condições necessárias para isso, e é este sentimento que auxilia que a mãe se identifique com o seu bebê (Winnicott, 2006).

Ao falar sobre a busca por afirmação, Stern et al. (1998) afirmam que todas as mães desejam a validação de suas novas identidades. Para tanto, elas irão, provavelmente,

encontrar-se desenvolvendo uma rede de suporte especial com sua família e amigos. Estas redes tornam-se importantes aliadas das mães para explorarem seus medos e identificarem suas funções e instintos parentais. Além disso, Rapoport e Piccinini (2006) recordam que a rede de apoio social favorece a responsividade materna. Um estudo exploratório com mães do Reino Unido mostrou que a rede de apoio e amizade formada por mulheres em um grupo de aulas sobre o pré-natal foi positiva para a saúde mental destas gestantes (Nolan et al., 2012).

Atualmente, as redes virtuais de troca de apoio entre as mães tem tornado-se uma ferramenta em destaque. O estudo de Morris (2014) sobre as redes de apoio virtuais nos Estados Unidos sugere que, cada vez mais, as mães estão usando este recurso. Os achados do autor apontam para uma série de tendências nestes grupos virtuais, como, por exemplo, o fato de que, no pós-parto, o uso dos grupos *online* passa a contar significativamente com mães com depressão pós-parto ou mães de bebês com algum atraso desenvolvimental. Ainda, estas mães passam a utilizar a rede de apoio *online* para expressar seus sentimentos e questionamentos sobre a sua própria saúde e a saúde de seu bebê.

Amar e ser amada na transição para a maternidade significa permitir-se sentir e consentir que o bebê também sinta e corresponda. As novas mães devem aprender sobre esse processo de permissão. Mesmo que durante os meses de gestação a mulher tenha se permitido sentir amor, quando o bebê nasce ele é um mistério para a nova mãe. Apesar disso, há uma conexão irresistível em direção a este pequeno estranho. Manter-se emocionalmente em contato com o bebê e fortalecer os vínculos de apego e amor é parte importante da organização psíquica na maternidade (Stern et al., 1998).

A ação de encontrar as sensibilidades alteradas, enquanto mãe, fala da forma como a mulher, com uma nova organização psíquica, responde ao mundo. São desenvolvidas novas sensibilidades a respeito do que ela percebe, ouve e cheira. Muitas mães relatam as diferenças de suas reações diante de determinadas ocasiões, comparando sua sensibilidade a estas situações antes e depois do tornar-se mãe (Stern et al., 1998). Klaus, Kennell e Klaus (2000) recordam o quanto, já na gestação, a mulher sente emoções fortes e mutáveis, positivas e negativas, além de muitas vezes ambíguas. Pode-se dizer, assim, que maternidade proporciona mudanças nos aspectos biopsicossociais da mulher (Stern, 1997).

Aceitar sua intuição é outra transformação importante da *motherhood mindset*. Identificar suas possibilidades de intuição nem sempre é uma tarefa fácil para as mulheres, já que muitas delas não se permitiram explorar este campo antes da maternidade. Stern et al. (1998) apontam que, quando diante do bebê, as mães simplesmente percebem-se agindo sem pensar, seguindo suas intuições em relação a como segurar, tocar ou se comunicar com seu bebê. Algumas mulheres, que são mais flexíveis às vindas espontâneas dessas atitudes,

aceitam facilmente suas intuições. Outras podem ter um pouco mais de trabalho para compreender e aceitar essas reações como parte de sua nova identidade.

O equilíbrio entre o bebê e a carreira é uma das conquistas mais difíceis para as novas mães alcançarem. O nascimento do bebê implica em uma longa e complicada série de compromissos, tanto para os pais, quanto para o bebê. A forma como a mãe organizará o seu tempo irá depender das decisões que ela tomar e das soluções que escolher. Desta forma, ela estará, também, aprimorando outra parte relevante da sua identidade como mãe (Stern et al., 1998). Segundo Ambrosini e Stanghellini (2012) e Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), cada mulher deve encontrar sua própria estratégia para resolver os inevitáveis conflitos entre os cuidados do bebê e as exigências do trabalho. Quando a nova mãe encontra esta solução, pode-se dizer que ela conseguiu atingir uma integração das antigas e novas tarefas.

Dar atenção às preocupações e aos pensamentos da mulher que se torna mãe é fundamental para que ela consiga manter seu bem-estar (Klaus, Kennell, & Klaus, 2000). Rapoport e Piccinini (2011) contam que ainda é difícil para a sociedade reconhecer o processo de tornar-se mãe como um período estressante para a mulher. A revisão sistemática sobre a conciliação entre maternidade e carreira realizada por Beltrame e Donelli (2012) indicou que esta experiência foi vivenciada por muitas mulheres como um conflito, no qual elas necessitavam transitar entre as várias demandas do espaço público e privado. Além disso, esse estudo apontou que a supervalorização da carreira por parte da mãe pode gerar o receio de estar faltando excessivamente ao bebê e delegando, de forma demasiada, os cuidados da criança a terceiros. Pode-se dizer, portanto, que encontrar o equilíbrio entre a carreira e o bebê é uma tarefa que mobiliza diversos sentimentos para as mães.

Ainda sobre o conceito de *motherhood mindset*, encontrar um novo lugar na sociedade é uma das tarefas das mães. As mulheres precisam aprender a lidar com o fato de não serem mais vistas como eram antes perante a sociedade. A sociedade atribui um papel público à maternidade, que possui expectativas inerentes. Stern et al. (1998) explicam que a mãe pode resistir ou aceitar este novo papel, mas é fato que ela não consegue escapar dele. As novas tarefas adquiridas enquanto mãe são irrevogáveis.

Assim como na sociedade, a nova mãe precisa encontrar um novo papel na família. Com a chegada do bebê, a mulher assume, junto a esse, uma importante parte da sucessão das gerações. Sentir esta responsabilidade pode ser como um choque para algumas mães. Este tópico não costuma ser discutido entre os membros da família, talvez pela dificuldade que seja explicar esta experiência para alguém. Sem dúvidas, a nova identidade também tem impactos dessa transformação (Stern et al., 1998).

Ao mencionar a escrita de um novo calendário, Stern et al. (1998) descrevem o fenômeno das mulheres passarem a relatar os acontecimentos de acordo com a idade de seus filhos. Para o autor, a chegada do bebê cria uma nova era, e os marcos desenvolvimentais dele acabam por tornarem-se associados aos eventos da mesma época. Uma mãe lembra-se da viagem realizada pela família nas férias, pois a associa ao momento em que seu bebê disse suas primeiras palavras, ou deu seus primeiros passos, por exemplo. A mulher segue, então, dois calendários ao mesmo tempo: o que o resto do mundo utiliza e o seu próprio, que vai de acordo com a idade e o desenvolvimento de seu bebê.

Por fim, descobrir suas próprias tarefas é o aspecto que encerra a explanação de Stern et al. (1998) sobre o conceito de *motherhood mindset*. Segundo os autores, após a chegada do bebê, as mães são vistas, instantaneamente, como aquelas capazes de corresponder às necessidades de seu bebê – em uma exaustiva jornada de trabalho que dura as vinte e quatro horas do dia. Por mais que elas tentem delegar uma ou outra tarefa para alguém, o sucesso ou a falha recorrerá sobre elas mesmas, visto que a decisão de solicitar a ajuda de alguém foi tomada por ela. Para exemplificar a situação, Stern et al. (1998) recordam que, ao ver um bebê chorando, todos dirigem seus olhos para a mãe dele. A mulher passa a precisar tomar decisões e ter ações a respeito da vida de seu bebê durante todo o tempo. Esta crença de que somente a mãe é capaz de cuidar do filho pode gerar insatisfação na mulher e trazer sentimentos de ansiedade (Beltrame & Donelli, 2012). Outro ponto, a respeito das tarefas da maternidade, é que as pessoas esperam que a mãe automaticamente sinta amor por seu bebê, o faça crescer e prosperar, ensinando-lhe as bases para torná-lo uma boa pessoa. Como apontam Ambrosini e Stanghellini (2012), nem todas as mulheres reagem a esta experiência com prontidão. Stern et al. (1998) mencionam que nem sempre estas conquistas são rápidas e que, em alguns casos, a mãe não está bem o suficiente para lidar com estas tarefas.

Ao explicar sobre o processo de tornar-se mãe, Stern et al. (1998) nos atentam para o grande despertar que a maternidade traz à vida das mulheres. Todos os passos citados, que são trilhados na construção da nova organização psíquica da maternidade (*motherhood mindset*), dão validade ao processo de tornar-se mãe - processo esse que exige uma complexa capacidade de adaptação psicológica, pois como diz Lobo (2008): “É sendo que a mãe, ao possibilitar a ilusão, se encanta e é sendo que se entristece na desilusão” (p.71).

Compreende-se, portanto, que o conceito de *motherhood mindset* (Stern et al., 1998) pode ser importante para aqueles que buscam entender a profundidade do envolvimento da mãe com a construção de sua nova organização psíquica. Destaca-se, ainda, que as transformações psíquicas da maternidade são, na literatura, frequentemente descritas de forma conjunta ao processo biológico desta. Diante de tais inferências, o presente estudo visa

investigar o processo de transformação da organização psíquica das mulheres, de acordo com o conceito de *motherhood mindset* de Stern et al. (1998), no contexto da maternidade por adoção, mais especificamente no período de espera pela chegada do bebê. Serão analisadas eventuais particularidades do processo de tornar-se mãe por adoção utilizando o conceito de *motherhood mindset*.

Método

Participantes

Participaram deste estudo quatro futuras mães por adoção. As participantes deste estudo tinham idades entre 38 e 44 anos quando entrevistadas. Quanto à escolaridade, três mulheres referiram ter o ensino superior completo e uma indicou ter pós-graduação. Ainda, a respeito do estado civil, duas eram solteiras – uma dessas estava namorando - e duas eram casadas. Estas futuras mães por adoção eram ativas no Cadastro Nacional de Adoção (CNA) em comarcas da região metropolitana de Porto Alegre e consideradas recém-habilitadas (de 3 a 8 meses de espera). Todas estavam em um processo de adoção de acordo com as leis e desejavam uma adoção nacional.

A Tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos das participantes e o perfil do bebê desejado, conforme definido durante o processo de habilitação para adoção:

Tabela 1
Dados Sociodemográficos das Participantes e Perfil do Bebê

	Participantes (futuras mães por adoção)			
	Participante 1 (Caso 01)	Participante 2 (Caso 02)	Participante 3 (Caso 03)	Participante 4 (Caso 04)
Idade	43 anos	38 anos	44 anos	42 anos
Escolaridade	Pós-Graduação	Superior Completo	Superior Completo	Superior Completo
Estado Civil	Solteira (namorando)	Casada	Solteira	Casada
Tempo aproximado na fila de espera do Cadastro Nacional de Adoção^a	8 meses	3 meses	8 meses	4 meses

	Perfil do Bebê Desejado ^b			
	Participante 1 (Caso 01)	Participante 2 (Caso 02)	Participante 3 (Caso 03)	Participante 4 (Caso 04)
Idade do bebê	0 – 6 meses	0 – 2 anos	0 – 2 anos	0 – 2 anos
Sexo do bebê	Feminino	Feminino ou Masculino	Feminino ou Masculino	Feminino ou Masculino
Restrições de cor de pele	Não	Não	Sim	Sim
Aceita doenças tratáveis	Sim	Não	Não	Não
Aceita doenças não tratáveis	Não	Não	Não	Não
Aceita deficiências	Não	Não	Não	Não
Aceita grupo de irmãos	Sim	Não	Não	Não

^a Calculado com base na data da entrevista (entre junho e julho de 2017).

^b Perfil do bebê conforme a definição durante o processo de habilitação à adoção.

As mulheres participantes deste estudo eram integrantes do projeto “Transição para a parentalidade adotiva: pesquisa e intervenção” (Frizzo et al., 2016). Neste projeto, o número de famílias habilitadas no ano de 2015 pelo CNA na comarca de Porto Alegre (459 famílias) serviu como base para o objetivo de coletar dados de 10% destas famílias. Dentre as 45 famílias previstas como participantes, há casos envolvendo casais heterossexuais, homossexuais e pessoas solteiras, além de possíveis adoções de bebês e adoções consideradas tardias.

Os participantes do projeto deveriam ter idade superior aos dezoito anos e poderiam ter nível socioeconômico e configuração familiar diversos, princípios seguidos, também, para a entrada no processo de habilitação à adoção. Para o presente estudo, foram selecionados os casos de mulheres solteiras, heterossexuais, e casais heterossexuais à espera de bebês de até dois anos de idade. Este critério foi utilizado para tentar compor um grupo mais homogêneo (Flick, 2009), a fim de permitir a comparação dos sujeitos entre si. A escolha deste grupo - que não estava aberto para uma adoção tardia (acima de 3 anos de idade) - ocorreu, também, por entender-se este aspecto como importante para a análise do conceito teórico investigado,

que diz respeito, particularmente, as primeiras vivências do tornar-se mãe. Visando eliminar vieses causados pela ação do tempo na espera pela adoção, este estudo investigou mulheres em espera no CNA há no máximo um ano.

Duas participantes fizeram contato via mídias sociais, manifestando seu interesse em contribuir para a pesquisa. Sete possíveis participantes foram contatadas pela equipe do 2º Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre e convidadas a participarem do estudo, no entanto, duas negaram o convite. Entende-se que este estudo segue a definição de amostra por critério de Patton (2002), que sugere a investigação de todos os casos que atendem aos critérios de inclusão da pesquisa. Para este estudo, inicialmente sete mulheres foram entrevistadas, porém em um caso a mulher esperava por uma criança de 0 a 6 anos, o que divergiu das demais participantes e não preencheu o requisito de adoção de bebês sugerido no estudo. Em outro caso a participante tinha uma doença crônica que se atravessou significativamente em seus relatos sobre a vivência de espera pela adoção, o que impossibilitou que seus dados fossem analisados. Por fim, um último caso foi excluído, pois a entrevistada estava vivendo uma gestação e a espera pela adoção simultaneamente – o que poderia levar a vieses de conteúdo do seu caso. Desta forma, chegou-se ao número de quatro casos, que foram, então, analisados no presente estudo.

Delineamento

Foi utilizado um delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994) para investigar o conceito de *motherhood mindset* em futuras mães por adoção ainda fila de espera do CNA.

Procedimentos

Mediante autorização do Juiz do 2º Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre (Anexo B), as técnicas judiciárias entraram em contato com as mulheres que se encaixavam no perfil de participantes deste projeto para convidá-las a contribuir para os estudos sobre adoção. Após a resposta afirmativa destas, o contato entre os pesquisadores e as futuras mães por adoção foi estabelecido. Ainda, algumas participantes foram convidadas a darem entrevistas sobre sua experiência de espera pela adoção através de mídias sociais. Estas participantes entraram em contato com os pesquisadores através dos contatos disponibilizados. Após o contato inicial para participação no projeto, estas mulheres foram convidadas a comparecer ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ou, então, forneceram um endereço para um encontro, no qual assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo C). Depois desse procedimento, responderam ao Questionário sobre a adoção (NUFABE, 2016) (Anexo D) e, posteriormente,

foi realizada a Entrevista sobre as expectativas e os sentimentos na adoção (NUFABE, 2016) (Anexo E).

Instrumentos

Questionário sobre a adoção (NUFABE, 2016): este instrumento foi utilizado para fins de levantamento sobre dados sócio-demográficos dos participantes e informações sobre o processo de habilitação para adoção.

Entrevista sobre as expectativas e os sentimentos na adoção (NUFABE, 2016): este instrumento, adaptado de Krahl & Piccinini (2003), consiste em uma entrevista semiestruturada e tem como objetivo abordar temas relativos à expectativa e sentimentos dos participantes em relação à adoção. Aborda também temas relacionados à experiência de estar esperando pela chegada do filho, às percepções sobre como tem sido esta experiência para o cônjuge, ao envolvimento da família extensa e às características da criança pretendida.

Considerações Éticas

O projeto de pesquisa do qual o presente estudo faz parte foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Anexo A) e atende à resolução 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (CAEE número 58061816.4.1001.5334). Enfatiza-se que o projeto conta com a autorização do Juiz do 2º Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre que permitiu o contato com as mães habilitadas na CNA na comarca do respectivo município, com o objetivo de convidá-las a participar do projeto "*Transição para a parentalidade adotiva: pesquisa e intervenção*" (Frizzo et al., 2016).

As participantes que se prontificaram a participar deste estudo receberam, individualmente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual é possível ter acesso às informações, como os objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como sobre o respeito ao sigilo e à confidencialidade, a fim de proteger a privacidade dos participantes. Ainda, o termo contém os dados do pesquisador responsável e informa sobre o direito de retirar seu consentimento quando desejar, sem nenhum comprometimento a si. Esta pesquisa foi de risco mínimo para seus participantes, sendo que, caso fosse necessário, os casos poderiam ser encaminhados para atendimento psicológico no Centro de Atendimento Pais-Bebê do Instituto de Psicologia da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Análise dos dados

Os dados do “Questionário sobre a adoção” (NUFABE, 2016) foram utilizados apenas para caracterização das participantes. Já os achados da “Entrevista sobre as expectativas e os sentimentos na adoção” (NUFABE, 2016) foram examinados por meio da análise temática (Braun & Clarke, 2006). A análise foi realizada com o auxílio do software NVivo versão 11 para a organização das informações coletadas. Este software permite o tratamento dos dados através da codificação destes. Por meio da codificação, se estabelece uma estrutura de ideias temáticas sobre as fontes de dados. Os temas deste estudo foram definidos previamente, de acordo com o conceito de *motherhood mindset* (Stern et al., 1998): a mudança de filha para mãe; voltar-se para outras mulheres; ver seu marido diferentemente; formar novos triângulos; garantir a sobrevivência do seu bebê; buscar afirmação; amar e ser amada; encontrar as sensibilidades alteradas; aceitar sua intuição; equilíbrio entre o bebê e a carreira; encontrar um novo lugar na sociedade; encontrar um novo papel na família; escrever um novo calendário; e descobrir suas próprias tarefas.

Resultados

Inicialmente, foi desenvolvida uma descrição dos casos a fim de contextualizar os processos de espera e de transição para a maternidade de cada participante. Posteriormente, foi apresentada a discussão dos temas com base na análise temática (Braun & Clarke, 2006), integrando os achados desta investigação e da literatura sobre a transição para a maternidade por adoção.

Descrição dos Casos

Caso 01

P1 tinha 43 anos de idade quando foi entrevistada. Ela era solteira, porém estava namorando. Seu parceiro estava envolvido com o processo de adoção, apesar de não ser solicitante da habilitação à adoção junto com P1. A futura mãe por adoção morava sozinha, sendo que seu namorado visitava com frequência sua casa. Em certo momento, quando fez uma mudança de imóvel, ela percebeu que o parceiro queria que eles morassem juntos, mas ela achou muito cedo - eles tinham cinco meses de namoro na ocasião da entrevista. P1 mantém contato com os pais e os irmãos, eles a apoiam e demonstram expectativas quanto ao processo de adoção.

A principal motivação que levou P1 a decidir pela adoção foi sua infertilidade. Ainda na adolescência ela descobriu que não poderia ter filhos de forma biológica, visto que é

portadora de uma síndrome que gera infertilidade. Ela se recorda deste período com tristeza, dizendo que seus sonhos de família foram cortados naquele momento. Foi com o passar dos anos que a ideia da maternidade por adoção foi aflorando e se consolidando para P1.

O processo de habilitação para adoção durou cerca de 3 meses e, quando P1 foi entrevistada para esta pesquisa, ela estava habilitada há 8 meses, esperando por seu bebê. Ao conversar sobre seu processo de habilitação, ela comparou-o com o de outras pessoas e considerou que foi rápido, apesar de referir sentir angústias em relação a estar sendo avaliada. P1 tinha expectativas de que seu bebê pudesse chegar a qualquer momento, apesar de ter sido informada de que poderia aguardar por cerca de 4 ou 5 anos na fila de espera pela adoção, segundo a assistente social que visitou sua casa. Ela referiu que, por vezes, acreditava que deixava os sentimentos em relação à espera pela adoção “guardados”, para não sofrer com tanto com a ansiedade de ter seu bebê.

P1 tem seu perfil de bebê em sua habilitação mais restrito, espera por uma menina de 0 a 6 meses de idade que já tem um nome definido pela futura mãe. Sobre o fato de aceitar grupo de irmãos, ela diz que “*a princípio é para adoção de um bebê, se tiver irmãos ok*” (P1). O perfil para irmão(s) não foi determinado. P1 aceita doenças tratáveis e não aceita doenças não tratáveis nem deficiências. Ainda, não há restrições para cor de pele do bebê. Ela conta que se organiza pensando no enxoval do bebê e tem alguns parentes e amigos que estão reservando coisas de seus bebês para emprestar para P1 quando o bebê dela chegar.

A futura mãe por adoção comenta que já percebe mudanças em si após tomar a decisão pela adoção. Acredita que seu olhar está diferente e pensa, por vezes, em como seria se a filha já estivesse com ela em alguns momentos. Ainda, ela diz que “*eu tô chegando agora nos nove meses, então tá na hora dela nascer (risos)*”. Ela já se organiza financeiramente para a chegada do bebê e considera que tem a flexibilidade de tempo necessária em seu trabalho para lidar com as demandas do bebê e do trabalho.

Caso 02

P2 estava com 38 anos na ocasião da entrevista. Ela morava junto com seu marido e era casada há 7 anos, mas seu relacionamento já durava 12 anos. P2 comentou que a ideia de adoção partiu dela, mas que ela e o cônjuge conversaram muito e entendiam que a decisão pela adoção era do casal, apesar de ter sido ela quem introduziu o assunto. Ainda, P2 referiu que desde o início do relacionamento conversava com o parceiro sobre adoção. Ela é filha por adoção e a forma como foi adotada é considerada, atualmente, à brasileira (fora dos trâmites legais). P2 relatou que a família dela já tinha conhecimento de que ela gostaria de ser mãe por adoção e sabiam que eles estavam na fila de espera na ocasião da entrevista. Comentou ter se

sentido chateada, pois, certa vez, a mãe e a irmã comentaram que ela não seria uma boa mãe porque era muito voltada para o trabalho, de forma intensa.

As principais motivações para adoção de P2 estão relacionadas ao desejo de formar uma família e à sua história de adoção. Ela comentou que o casal até tenta ainda ter um filho de forma biológica, mas sabia que devido sua idade as chances de conseguir ser mãe biológica estão diminuindo com o passar dos anos. Ela falava que desejava que a adoção fosse algo natural para o seu bebê, que gostaria de passar a mensagem para seu filho (a) de que adotar é mais uma forma de ser pai, ser mãe e ser família.

A respeito do processo de habilitação, P2 queixou-se sobre o fato de ter um intervalo muito grande entre os encontros com os técnicos judiciários. Ela contabilizou que, dos nove meses de processo de habilitação, apenas dois foram de processo efetivo. Sobre a espera pela adoção, P2 comentou que se sentia ansiosa e frustrada. Sua frustração estava relacionada ao tempo que precisaria aguardar na fila para adoção. Além de sua própria história de adoção, ela traz como exemplo as vivências de amigos do casal que conseguiram adotar bebês recém-nascidos em pouco tempo de espera no CNA em outras regiões do país. Eles cogitam a possibilidade de o marido de P2 solicitar uma transferência no trabalho para que o processo tenha uma mudança de estado e, assim, torne-se mais rápido, conforme acredita P2.

P2 e seu esposo estão esperando por um bebê de até 2 anos, que pode ser de ambos os sexos e não tem restrições de cor de pele. Eles não aceitam grupo de irmãos e nem doenças tratáveis, não tratáveis ou deficiências. Na época da entrevista estavam pensando em fazer uma mudança no perfil do (a) filho (a), alterando a idade para 3 anos. Ela comentou que: “*A gente tá grávido de uma gravidez que não tem nove meses, então ela pode demorar muito mais tempo.*” (P2). P2 preocupa-se com seu ritmo de trabalho e diz que deseja buscar auxílio especializado para conseguir desconectar-se um pouco das atividades voltadas à profissão, como forma de se preparar para a chegada do bebê e para a reorganização de seu tempo.

Caso 03

P3 tinha 44 anos quando foi entrevistada. Seu estado civil era solteira e ela não estava em um relacionamento na ocasião. Ela morava sozinha há alguns anos. P3 mantinha contato com a família, em especial com uma irmã que morava no interior e que havia adotado um menino aos nove meses de vida. P3 destacou sua conexão com este sobrinho. A mãe de P3 conversava com a filha sobre a espera pela adoção; já o pai, em certa ocasião, comentou com ela “*achei que tu tivesse desistido desta bobagem (adotar)*” (P3). P3 referiu sentir-se decepcionada em relação ao comentário, mas que estava tentando seguir o relacionamento com o pai isolando este acontecimento. Ela não conversava mais com ele sobre adoção.

As motivações de P3 para adotar tinham relação com o desejo de ter um (a) filho (a) e o fato de uma gestação biológica ser incerta devido à sua idade quando começou a pensar na maternidade. Ainda, ela referiu que a história de adoção em sua família foi um fator importante também para sua decisão. Ela contou que aos 40 anos decidiu buscar orientação médica de um especialista em inseminação artificial. Na época, ela não tinha nenhum relacionamento e pensava na possibilidade de contar com um doador de espermatozoides. P3 fez os exames para verificar sua fertilidade e o médico, então, afirmou que, mesmo com a inseminação artificial, ela poderia não conseguir engravidar. Neste momento, P3 refletiu sobre os sofrimentos de se passar por este processo e decidiu não dar sequência a ele. Foi nesta época que começou a pensar na maternidade por adoção. Logo em seguida que desistiu do tratamento médico, buscou as informações necessárias para sua habilitação à adoção.

Ela referiu que a habilitação para adoção foi demorada. P3 disse que durante o processo teve que aguardar as férias forenses e da psicóloga responsável, o que a deixou frustrada, pois queria ter concluído o quanto antes. Na ocasião da entrevista, disse que se sentia tranquila por saber que estava na fila de espera pela adoção, aguardando por seu bebê. Como estava vivendo uma transição em sua carreira, ela estava dedicando-se a este aspecto de sua vida, também, como forma de aliviar a ansiedade.

Sobre o perfil do bebê, P3 definiu que gostaria de um bebê de até 2 anos de idade, que pode ser de ambos os sexos. Ela restringiu a raça branca, pois se sentia insegura sobre como lidar com as questões de preconceito sobre seu filho (a) ter *“uma mãe branca, solteira e ser adotado (a)”* (P3). No entanto, P3 estava repensando esta restrição e, também, a questão da idade. Ela cogitava alterações em seu perfil de adoção. P3 mencionou que faria alterações na idade da criança, pois não gostaria de ser uma *“mãe velha”*, então conforme sua idade fosse aumentando durante a espera, ela iria repensar a idade do filho (a) que aguardava. Ela definiu que: *“Eu to na gestação mesmo, né, bem dizer. Só que é um pouquinho mais longa a minha gestação”* (P3). P3 estava passando por uma transição em sua carreira, queria mudar de profissão antes da chegada do seu bebê e, na época da entrevista, sentia-se muito voltada para este processo relacionado ao trabalho.

Caso 04

P4 estava com 42 anos de idade na ocasião da entrevista. Ela e o marido tinham um relacionamento de 18 anos, eram casados e viviam juntos. A possibilidade de adoção surgiu para o casal após a descoberta de questões de saúde de P4, que diminuía para 1% as chances de uma gestação biológica. Ela tinha uma colega de trabalho, na época, que apadrinhava uma criança e as conversas com esta pessoa fizeram com que o assunto da adoção fosse refletido

pelo casal. A família de P4 mostrava-se preocupada com a futura adoção e definia o processo como “*adoção às escuras*” (P4), pelo desconhecimento da herança genética da criança. Havia um histórico de adoção na família de um dos cunhados de P4 que assustava os pais dela, pois eles consideravam que a pessoa adotada “*era só problema*” (P4), segundo relatos de P4. As três irmãs dela tentavam conversar com os pais para conscientizá-los de que essa era uma decisão de P4 e do parceiro, e que todos deveriam respeitar. O marido de P4 não tinha mais uma família nuclear, todos já haviam falecido.

O principal motivo que levou P4 a buscar pela maternidade por adoção foi sua infertilidade. Depois de aproximadamente 9 meses conversando sobre o assunto, o casal decidiu se candidatar a habilitação à adoção. Apesar de desejarem muito a experiência de parentalidade, P4 relatou, algumas vezes durante a entrevista, que caso demorasse entre 7 e 10 anos para conseguirem adotar, eles não adotariam. Ela disse:

Talvez a minha fala seja dura agora... A primeira entrevista que nós tivemos em grupo, com outros casais e a assistente, né, a primeira reunião na vara, nós saímos de lá conversando, caminhando até o carro, e nós nos demos conta que talvez seria mais fácil esse filho vir biologicamente do que adotado, porque nós não tínhamos noção. E depois essa sensação foi ficando pior ainda, porque o perfil que nós estamos pedindo as expectativas são de 7 a 10 anos. (P4).

Por fim, ela comentou, ainda, que “A nossa tendência é desistir antes do processo de adoção. (P4). A habilitação à adoção foi descrita por P4 como dolorida. Ela relatou que, com os primeiros contatos do processo, sentiam que a criança que desejavam estava mais longe ainda deles. Além disso, eles acharam o processo repetitivo e cansativo. O casal recebeu uma resposta negativa, primeiramente, na habilitação à adoção. P4 acreditava que isto aconteceu devido ao discurso do marido - na época das primeiras entrevistas no judiciário - que, segundo ela, estava muito preso ao perfil do filho biológico. Sua conclusão foi de que os técnicos judiciários não acharam que eles estavam maduros o suficiente para adoção por essa razão. Ao entrarem com recurso eles foram aprovados, após um ano e 10 meses no processo de habilitação à adoção.

Ela e o marido estão esperando por um bebê de 0 a 2 anos de idade, que pode ser tanto do sexo masculino, quanto do sexo feminino. Eles têm restrições quanto à cor de pele – excluíram apenas a cor negra, pois, segundo P4, o casal sentiria dificuldades em lidar com questões ligadas ao racismo e ao preconceito. Eles não aceitam grupos de irmãos. Também não aceitam deficiências, doenças tratáveis e não tratáveis. Uma das principais preocupações tanto de P4, quanto do esposo, diz respeito ao fato de serem “pais velhos”, quando o bebê chegar. Complementando isso, P4 disse: “*É que na verdade eu não sei se o bebê vem, o bebê tá muito longe pra mim ainda.*” (P4). Quando questionada sobre mudanças em relação aos

sentimentos após a decisão pela adoção, ela relatou que: “*não sou mãe, mas me sinto mãe*” (P4).

Por fim, sobre o trabalho e a carreira, P4 disse que se sentia sobrecarregada. Ela estava pensando em deixar o trabalho, por questões “bem sérias”, como ela definiu. Ainda, ela estava cursando uma pós-graduação. P4 relatou que pensava que seria difícil conciliar a maternidade com seus planos de carreira e estudos, que envolviam a realização de outras pós-graduações e tentativas de ser aprovada em concursos. Ela descreveu, ainda, como a notícia de infertilidade mudou suas prioridades de carreira:

(...) início de [ano], se tu me perguntasse, assim ‘P4 o que é mais importante pra ti hoje?’ , aí eu diria: ‘Meu mestrado’. Quando terminei a laparoscopia, né, que eu tive o resultado [da infertilidade] e tal ‘P4 o que é mais importante na tua vida?’ o filho. Então, assim, hoje é pro filho. A carreira já está em segundo plano (...). (P4).

Discussão dos temas do conceito *motherhood mindset*

A seguir serão debatidos os temas que emergem do conceito *motherhood mindset*: a mudança de filha para mãe; voltar-se para outras mulheres; ver seu marido diferentemente; formar novos triângulos; garantir a sobrevivência do seu bebê; buscar afirmação; amar e ser amada; encontrar as sensibilidades alteradas; aceitar sua intuição; equilíbrio entre o bebê e a carreira; encontrar um novo lugar na sociedade; encontrar um novo papel na família; escrever um novo calendário; e descobrir suas próprias tarefas (Stern et al., 1998). Estes temas serão ilustrados através de alguns relatos das participantes.

Os casos descritos neste estudo trazem informações sobre o processo de maternidade por adoção de quatro mulheres habilitadas à adoção que aguardavam por seus bebês na fila de espera do CNA. A partir da análise de dados, fundamentada no conceito de *motherhood mindset* (Stern et al., 1988), foi possível identificar que as futuras mães por adoção investigadas demonstraram, ainda no período de espera por seus bebês, estarem vivenciando transformações de ordem psíquica no sentido de tornarem-se mães. Este achado corrobora com o estudo de Heisler e Ellis (2008) que afirma que mesmo as mulheres que não tem a experiência física da gestação, como nos casos de adoção, são capazes de desenvolver uma identidade materna - enfrentando adversidades tais como as mulheres que dão à luz de fato.

Apesar de as quatro participantes terem apresentado elementos em suas falas que indicam uma transformação psíquica própria da transição para a maternidade por adoção, estes dados foram significativamente mais presentes nos casos 1, 2 e 3 do que no caso 4. Acredita-se que a preocupação em relação ao tempo de espera e a possível desistência do

processo de adoção, mencionada pela participante 4, tenham influência direta em sua dificuldade de exploração e experimentação da identidade materna. O receio em não conseguir concretizar seus planos de maternidade no tempo em que planejava pode estar interferindo em sua abertura ao papel de mãe. Suas falas restringiram-se às seguintes temáticas: ver seu marido diferentemente, aceitar sua intuição, equilíbrio entre o bebê e a carreira, encontrar um novo lugar na sociedade, encontrar um novo papel na família e descobrir suas próprias tarefas.

Além disso, o único tema, dentre os quatorze analisados, que não teve nenhuma menção na fala das participantes, foi o “escrever um novo calendário”. Conforme Stern et al. (1998) explicam, este tema tem relação estreita com as vivências mãe-bebê diretas, ou seja, na presença física do bebê. Diz respeito à mulher perceber sua vida sendo referenciada por dois diferentes calendários: o do mundo e o do desenvolvimento e idade de seu bebê. Como os casos analisados neste estudo incluem apenas mulheres ainda na espera por seus bebês, não foi possível identificar esta mudança de ordem psíquica nas participantes investigadas.

Dentre os temas que sugerem transformações psíquicas da maternidade, destacaram-se como presentes em todos os casos: aceitar sua intuição, equilíbrio entre o bebê e a carreira, encontrar um novo lugar na sociedade, encontrar um novo papel na família e descobrir suas próprias tarefas. O tema “ver seu marido diferentemente” estava presente, também, em todos os casos nos quais a participante tinha um parceiro, ou seja, com exceção do caso 3. Os temas menos frequentes nas falas das participantes foram: amar e ser amada, buscar afirmação e a mudança de filha para mãe.

“Aceitar sua intuição” apareceu na fala das quatro participantes (casos 1, 2, 3 e 4) e estava associado, para estas futuras mães, à disponibilidade para perceberem as necessidades e os desejos de seus bebês:

Meus maiores medos são de eu não perceber. Mas eu to altamente disponível a perceber, assim... os sinais que ele for me dando. Não só verbais, logicamente, mas, assim, do choro, da birra, do não dormir, do não comer, ou de comer muito, não querer ir. (P2).

Ainda, duas mães acreditavam que alguns aspectos da relação mãe-bebê seriam instintivos:

Eu acho que é instintivo né. Assim como a mãe biológica, eu acho que a mãe adotiva também tem essa, esse instinto maternal né, de saber, de procurar, de tentar resolver na hora né, o que ta acontecendo. Então eu acho que vai ser instintivo, vai ser um aprendizado dos dois ali, uma hora, um momento que, que der um aperto (risos). (P3).

Os dados encontrados corroboram com as transformações apontadas pelo conceito de *motherhood mindset* (Stern et al., 1998) e indicam a abertura das entrevistadas para aceitarem as vindas espontâneas das atitudes maternas frente às demandas de seus bebês.

Sobre o “equilíbrio entre o bebê e a carreira”, destacou-se o fato de as participantes indicarem uma mudança de prioridades em sua vida, especialmente no que diz respeito ao trabalho e carreira: *“Acho que eu vou dar menos importância ao trabalho, né, pras sobrecargas que tem hoje... Acho que eu vou ter um novo sentido pra minha vida...”* (P4);

Procurei a psiquiatra pra ver se eu gerencio isso de baixar essa, essa minha rotina, baixar. Porque tenho que ir me preparando, que seriam os nove meses de uma maternidade, pra incluir a prioridade que é um filho. Então assim, acho que esse momento é o momento de tentar baixar essa rotação pra já estar adaptada da chegada de uma criança que vai demandar, absolutamente, tempo integral. (P2).

Ainda, no caso 3, a futura mãe por adoção vivia uma transição profissional, que a preocupava:

(...) essa ansiedade de fazer essa transição profissional, que eu tô querendo mudar de área, de ramo profissional, eu tô tentando fazer o quanto antes, porque eu quero ficar totalmente, não digo financeiramente, mas pelo menos profissionalmente estabilizada até o nenê vir né. Porque eu não quero que isso atrapalhe de nenhuma maneira os nossos planos né. De ter um filho, de ter uma outra profissão. (P3).

Apesar da angústia demonstrada pela participante 3, todas as entrevistadas parecem dispostas a encontrar soluções para a conciliação entre o trabalho e as demandas do bebê, aspecto relevante que demonstra a capacidade destas mulheres de buscar estratégias para o equilíbrio entre o bebê e a carreira (Ambrosini & Stanghellini, 2012; Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007; Stern et al., 1998).

A preocupação da família com a estabilidade no trabalho foi mencionada no tema “garantir a sobrevivência do bebê”: *“A segurança do nosso trabalho nos faz ter a certeza de que, não importa em que medida, a gente vai ter condição de, pelo menos, levar na escola, trazer, dar uma roupa... Isso básico.”* (P2). Uma entrevistada referiu cuidados em relação ao ambiente físico da casa e a adaptação deste para garantir a segurança do bebê: *“(...) Não vai dar pra deixar sem proteção na escada porque é perigoso”* (P1). Além destes relatos, uma das futuras mães preocupou-se sobre sua própria perspectiva de saúde e vida, para não prejudicar o bebê:

(...) Não tenho nenhum problema assim de doença na família que seja genético né, que, que venha, sei lá, daqui uns anos ter algum problema maior né, que venha a prejudicar a educação da criança. Enfim, ou até o convívio, não tenho nada assim que, que venha a ter problemas. (P3).

Apenas no caso 4 não foi possível identificar elementos que indicassem aspectos deste último tema. Estes achados revelam que as entrevistadas 1, 2 e 3 demonstraram preocupações em relação ao (a) futuro (a) filho (a), o que as tornam empáticas a estes (as), mesmo sem a presença física deles (as). Além disso, estas mulheres sugerem em suas falas aspectos relevantes sobre a sobrevivência do bebê e ao desejo de atender as necessidades desse. Ao garantir isso, estas futuras mães terão a comprovação de que foram capazes de promover as condições necessárias para seu bebê e é justamente este sentimento que irá auxiliá-las no reconhecimento e identificação destas enquanto mães de seus bebês, conforme aponta Winnicott (2006). Isso indica que esta temática é de grande importância tratando-se de mães por adoção, pois esta confirmação através do cuidado e a consequente garantia da sobrevivência do bebê dirão sobre sua capacidade de ser mãe, independente do laço biológico.

As falas sobre “encontrar um novo lugar na sociedade” e “encontrar um novo papel na família” apareceram no discurso das entrevistadas de forma conectada, ou seja, trataram dos temas em conjunto. A experimentação de um novo lugar na sociedade relacionou-se com novos círculos de amigos e assuntos partilhados: “(...) *todo mundo tem filho ou vai ter, então essas conversas hoje importam mais. Antes assim a gente era mero expectador, hoje em dia, não.*” (P2);

(...) só o fato de tu ter a filha tu tem muito mais assunto, tem outras pessoas, teu círculo de amigos e necessidades vai aumentar. Tu vai precisar ir no pediatra, vai precisar ir no maternal, tu vai precisar ter um outro círculo que até então não fazia parte da tua vida e agora vai começar a fazer. (P1).

Já sobre o novo papel na família, a participante 3 referiu que ser vista como mãe por sua família lhe garantiria um olhar de respeito e consolidação de sua etapa no ciclo vital: “*Ah eu acho que talvez mais respeitada (risos), porque ainda me veem com... Não digo mais respeitada, mas mais adulta, porque me veem ainda como a caçula, a guriazinha, não sei o que e tal, eu to com 44 anos.*” (P3). Os achados evidenciam uma percepção diferenciada das entrevistadas (casos 1, 2, 3 e 4), ainda enquanto futuras mães, a respeito de si mesmas e sobre o olhar da família e da sociedade sobre elas. Foi possível identificar que as participantes 1 e 2 falaram de si mesmas como percebidas como mães pela sociedade e pela família, ainda na espera pela adoção. A entrevistada 3 sugere que, por vezes, acredita ser vista como mãe e, outras vezes, como futura mãe. Já a participante 4 demonstra sinais em sua fala de que somente será vista como mãe após a chegada do bebê.

“Descobrir suas próprias tarefas”, que diz respeito à visão das mães como as responsáveis por atender ao bebê com prontidão e eficiência, mesmo após uma exaustiva

jornada de trabalho, surgiu para as futuras mães por adoção através das falas sobre os ajustes de rotina necessários para inclusão do bebê na família:

Levantar e sair não vai ser assim: levantar tomar um banho e sair. Vai ser cuida, cuida, cuida, ajeita, ajeita, ajeita... Então a gente tá comprometido com essas observações até da gente mesmo. De coisas que vão mudar. Que a gente vai ter que se adaptar. (P2).

Duas mães destacaram a importância do trabalho, também, estar entre suas tarefas: “Não vai dá pra, sei lá, não vou estar 100%, 24 horas... Enquanto maiorzinho, né, eu preciso voltar pro trabalho (...)”(P4); “(...) eu não vou ser mãe 24 horas, nem quero. Quero que ele tenha orgulho de mim enquanto profissional.” (P3). Ainda, uma mãe pareceu angustiada com o gerenciamento das tarefas:

Eu acho que vai mudar tudo, mudar tudo. Desde o momento de eu acordar até eu dormir, que eu ainda não sei que horas eu vou dormir, até a hora pra acordar, porque, provavelmente, ela vai pro maternal. Porque eu tenho alguns horários livres, mas ela vai precisar ter esse espaço. (P1).

De forma geral, pode-se inferir que estas mulheres compreendem a importância de seus futuros papéis enquanto mães e gerenciadoras de tarefas. No entanto, ainda neste período de espera, não é possível confirmar se elas conseguiram responder com agilidade e destreza a estas demandas. Como apontam Ambrosini e Stanghellini (2012), nem todas as mulheres são capazes de reagir às atividades da maternidade com prontidão.

“Ver seu marido diferentemente” foi um tema adaptado para que fosse possível incluir neste estudo os parceiros das entrevistadas, independente da relação cível estabelecida entre eles. Desta forma, apenas no caso 3, no qual a participante é solteira, não houve relatos. As mães demonstraram estarem mais interessadas em seus parceiros enquanto pais:

Ah, acho que ele vai ser um pai maravilhoso, né? Só que acho que o relacionamento do casal vai ter que se adaptar, né.... Qualquer chegada, sempre falando do biológico e do adotivo, né, tu não tem a mesma vida privativa, digamos assim. Não sente, assim, tempo, muito tempo para o casal.... Acho que também é um dos desafios do casal com a chegada do filho ou da filha, né? A criança depende totalmente de ti. Então, acho que é um dos nossos desafios, né? (P4).

Também, uma entrevistada referiu:

De repente eu vou ter mais tempo para ela, pelo menos no início, né? Não sei se ele vai ficar em segundo ou terceiro plano, mas no primeiro momento vai ser atenção para ela, para as necessidades dela. Não que eu vá deixar ele de lado, mas pelo menos no início vai ser, acredito eu, que vai ser mais ou menos por aí. (P1).

Além de corroborar com a teoria de Stern et al. (1998), estes achados sustentam a importância da afirmação de Lobo (2008) que diz que é necessário um relacionamento suficientemente bom para que se torne possível a inclusão do novo membro na família. Ainda,

destaca-se que a demanda do bebê, para as entrevistadas, gera uma consequência de transformação de prioridades do casal para prioridades da família.

Sobre “encontrar as sensibilidades alteradas”, com exceção do caso 4, as entrevistadas 1, 2 e 3 foram enfáticas em seus relatos sobre percepções de mudanças neste sentido: “*Meu olhar tá, assim, de mãe, de afeto, de cuidado, de ter mais zelo de ficar...*” (P1) e ainda diz: “*Parece que eu tô mais sensível, bem mais*” (P1); “*Quando vejo esses [filmes] específicos que nos indicaram [sobre adoção] dá uma choradeirinha (...)*” (P2). Por fim, a participante 3 mencionou o sentimento materno:

(...) o sentimento materno, né, ele vem à tona, porque querendo ou não eu já sou uma mamãe, só to esperando o filho chegar, então, porque ele não avisa quando vem, né (risos). Esse é o literal que não avisa quando vem, é um, é um telefonema. ‘Olha, vem aqui correndo ver’. Então, é só esperar, a expectativa é essa. (P3).

As entrevistadas 1, 2 e 3 descreveram uma mudança em relação a como reagem às situações e às pessoas, especialmente às crianças, após a decisão pela maternidade por adoção, o que corrobora com a teoria apresentada em *motherhood mindset* por Stern et al. (1998).

“Voltar-se para outras mulheres” foi um tema que apareceu no discurso das participantes 1, 2 e 3, com exceção da participante 4, novamente. A busca pelo contato com outras pessoas que estão vivenciando a maternidade ou já a vivenciaram ficou nítida: “*Ai a minha cunhada disse ‘Não [P1], qualquer coisa eu guardo algumas coisas pra ti’ e ela já me deu algumas coisas, também, da outra minha sobrinha.*” (P1). Outra participante falou do seu contato frequente com pessoas que também possuem histórias de adoção:

Tem outras pessoas conhecidas, assim que, muito interessante. No interior do Rio Grande do Sul se habilitaram [...]. Essa história é bem rica, um nenezinho com meses se apaixonaram, porque foram visitar no... não sei bem como funciona, cada lugar é um lugar. Ela foi visitar no abrigo. Se apaixonou pela guriazinha [...]. (P2).

Além de voltar-se para outras mulheres que partilham da experiência de maternidade, foi observado um movimento interessante das participantes no sentido de aproximarem-se significativamente de pessoas que compartilham suas histórias de adoção. A literatura afirma a importância das conexões estabelecidas durante a gestação para a construção do tornar-se mãe (Darvill, Skirton, & Farrand, 2010), porém é possível ir além neste pensamento quando se trata do contexto de adoção. Com base nos resultados encontrados neste tema, pode-se inferir que as relações de troca sobre as histórias de adoção, quando comparadas com o contato com outras mães, contribuem tanto quanto, ou mais, para o processo de tornar-se mãe por adoção.

Tratando-se do tema “formar novos triângulos”, é relevante destacar que este aborda a relação mãe, seu bebê e sua própria mãe. Foram encontradas menções a esta transformação nas entrevistas dos casos 1, 2 e 3. As futuras mães por adoção mostraram que estavam voltando-se para sua história de maternidade enquanto filhas e refletindo sobre aspectos considerados adequados e inadequados em seus modelos, assim como Stern et al. (1998) sugerem acontecer. Uma participante disse: *“Eu penso na minha mãe, mas um pouquinho rebuscada, assim, um pouquinho melhorada, digamos assim. Mas eu acho que ela é uma mãe muito forte, muito batalhadora, muito leoa em todos os sentidos”* (P1); ainda, esta mesma participante trouxe aspectos de sua infância com sua mãe:

(...) eu me imagino muito tranquila em relação a dizer o ‘não’ e dizer o ‘sim’, né? Acho que essa questão é muito importante. Assim como eu tive lá na minha infância, claro que de uma forma diferente, mas que foi importante. Eu imagino poder passar de uma forma muito mais tranquila do que lá atrás (...). (P1).

Outra participante relatou: *“A minha mãe teve um monte de coisa boa. Mas eu consigo identificar coisas que eu não faria. Então assim, eu não tenho um modelo por excelência.”* (P2).

Os relatos sobre o tema “a mudança de filha para mãe” aconteceram apenas nos casos 1 e 2. Enquanto a participante 1 comentou sobre a disponibilidade de sua mãe de percebê-la como mãe e sua prontidão em ajudá-la com pequenos detalhes da preparação para a vinda do bebê, a participante 2 indicou uma mudança de filha para mãe na percepção da família:

(...) acho que essa mudança vai haver do tipo ‘ah não agora ela já não é mais a guriazinha, o nenê da casa’, né, ‘ela é mãe’; então acho que a mudança muito mais vai ser da percepção deles frente a mim do que a minha mesmo. Eu acho que essa maturidade de ser mãe eu já acredito que eu tenha (...). (P2).

Ambas pareceram sentir-se confortáveis com a nova identidade de futura mãe diante de suas próprias mães. A experiência de um “maravilhoso ganho” nesta transformação psíquica é presente no discurso dos casos 1 e 2. Entretanto, a vivência de “profunda perda” não foi identificada nos relatos, apesar de ser referida, também, na teoria de Stern et al. (1998).

A “busca por afirmação” apareceu no relato de apenas duas entrevistadas (casos 1 e 2). No caso 1, a entrevistada parecia buscar a afirmação de sua nova identidade de futura mãe através das conversas que relatou ter com as pessoas mais próximas. Tanto familiares, quanto amigos, ao ouvirem esta participante falar sobre a maternidade por adoção, prontamente reagiram oferecendo-a presentes ao bebê, como quem confirma que ela realmente é uma mãe em espera: *“E até uma que é minha comadre (...), disse assim ‘Ai já vou guardar a banheirinha’.”* (P1). No caso da participante 2, a busca por afirmação se deu após a

confirmação da habilitação: “(...) a gente tirou fotinho e mandou no Whatsapp, assim: ‘A gente está habilitado’. A gente tava sozinho, mas a gente mandou. E aí, todo mundo: a partir de agora é que marca.” (P2). As duas participantes aparentaram estar desenvolvendo uma rede de suporte especial com a família e os amigos, o que é muito importante para a responsividade materna (Rapoport & Piccinini, 2006; Stern, 1998).

O último tema, “amar e ser amada”, foi identificado apenas no caso 1. Este tema diz respeito à permissão de que, assim como a mãe, o bebê também possa sentir e corresponder (Stern et al., 1998). As futuras mães por adoção entrevistadas relataram com frequência sua disponibilidade e desejo de doação para com o bebê, acreditando também que seriam capazes de compreendê-lo em suas necessidades. Porém, somente no caso 1 foi possível identificar elementos que indicam a possibilidade deste bebê também sentir e corresponder: “O fato de dar oportunidade de a criança ser filha e a pessoa ser mãe. Acho que esse é o maior destaque. E as duas aprenderem juntas como fazer isso, né, porque, na verdade, ninguém aprende...” (P1);

Porque quando se está sozinha, se está em um relacionamento, ok, mas quando se está sozinha tu é muito... Bem individualista, mas tu precisa ser. E agora, depois que eu decidi pela adoção, parece que eu não to mais sozinha. Eu tô contando com ela. (P1).

Diante de tais evidências, é possível inferir que o conceito *motherhood mindset* (Stern et al., 1998) apresenta-se como uma importante base teórica para a investigação das transformações do processo de tornar-se mãe também no contexto da maternidade por adoção. Para além dos resultados encontrados nos temas, foi possível identificar particularidades da construção da identidade materna em mães ainda na fila de espera pela adoção de seus bebês. O aprimoramento dos conhecimentos sobre esta forma de maternidade reforça a ideia de que as mães por adoção também são capazes de construir sua identidade materna, antes mesmo da chegada propriamente dita do bebê. Pode-se verificar, portanto, que os passos citados por Stern et al. (1998) em sua teoria também são trilhados por mães por adoção e dão validade ao processo de tornar-se mãe destas mulheres em espera por seus bebês.

Considerações Finais

Como apontado por Stern et al. (1998) no conceito *motherhood mindset*, uma mulher que vivencia o processo de tornar-se mãe precisa dar à luz em sua mente, despertando para o sentido de ser mãe. Este desabrochar da maternidade, que foi fundamentado no processo biológico de tornar-se mãe, também pôde ser observado, de acordo com os resultados deste estudo, na maternidade por adoção.

A investigação realizada sugere que a reorganização psíquica da mulher na maternidade acontece de forma independente do processo biológico de gestação, assim como aponta a literatura (Heisler & Ellis, 2008). Como indicam Slade et al. (2009), que se baseiam na maternidade biológica, na maternidade por adoção as mulheres também são capazes de integrar à sua nova identidade de mãe funções relacionadas a capacidade de cuidar, proteger e empatizar, antes mesmo de terem conhecimento de quem serão seus futuros (as) filhos (as). Assim como no processo biológico, os meses – e no caso das adoções, talvez os anos - que precedem e seguem a chegada do bebê propriamente dito são momentos fundamentais para o trabalho cumulativo que levará à construção psíquica da identidade de mãe (Stern, et al., 1998).

Através dos resultados deste estudo, compreende-se que as mães em espera pela adoção, assim como mães biológicas, também vivenciam um impacto em seu autoconceito decorrente da transição para a maternidade (Darvill et al., 2010). Além disso, pode-se afirmar que, como sugerem Stern et al. (1998), as futuras mães por adoção também são capazes de entrar em uma esfera de experiências desconhecidas para mulheres que não são mães ainda. Entende-se que, no contexto da adoção, a afirmação de Stern et al. (1998) de que “uma mãe tem que nascer psicologicamente tanto quanto seu bebê nasce fisicamente” (p.3) é, também, de grande valia. Por vezes, o fato de saber que a existência de seus bebês será anterior ao seu encontro físico com estes, mobiliza nestas futuras mães por adoção o desejo de envolver-se com as transformações da maternidade e com o mundo parental o quanto antes.

Ainda, é importante destacar as menções destas futuras mães por adoção a um processo de gestação. As participantes deste estudo fazem referência ao seu tempo de espera pela adoção como uma gestação. Pode-se concluir, então, que como aponta a literatura (Cecílio & Scorsolini-Comin, 2016; Huber & Siqueira, 2010; Mahl & Jaeger, 2011; Schettini et al., 2006), elas estão gestando um novo papel, o que é fundamental para suas identidades enquanto mães. Os resultados encontrados neste estudo, com base na teoria *motherhood mindset* (Stern et al., 1998), confirmam e, conseqüentemente validam, o processo de gestação psíquica destas futuras mães por adoção.

As limitações deste estudo incluem a análise de um pequeno número de casos, bem como o fato de não ser longitudinal. No entanto, entende-se que todos os possíveis casos da comarca participante do estudo foram contatados e que as pessoas que se disponibilizaram, através do contato nas mídias sociais, também foram incluídas nesta investigação. Sugere-se a realização de novos estudos sobre a temática que possam confirmar os dados encontrados, bem como contribuir para maiores achados a respeito da reorganização psíquica de futuras

mães por adoção. Espera-se que o presente estudo possa estimular novas pesquisas a respeito das vivências no contexto da maternidade por adoção.

Famílias adotivas são famílias intencionais, unidas pelo desejo, pela convicção, pela prática e, acima de tudo, pelo amor (Rampage et al., 2016). Adotar envolve a manifestação de um afeto profundo e o reconhecimento de que, nesta relação, as marcas são as da dedicação dos pais e não as da genética (Baumkarten, Busnello, & Tatsch, 2013). Visto isso, reconhece-se a importância da pesquisa dos aspectos psicológicos na transição para a maternidade por adoção como forma de prover o conhecimento necessário para que estas mães sejam amparadas no que diz respeito à promoção e à prevenção de saúde - tanto delas mesmas, quanto de seus filhos adotivos.

Referências

- Ambrosini, A., & Stanghellini, G. (2012) Myths of motherhood. The role of culture in the development of postpartum depression. *Ann Ist Super Sanità*, 48(3), 277-286. doi: 10.4415/ANN_12_03_08
- Barbosa, P. Z., & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica*, 19(1), 163-185. doi: 10.1590/S0103-56652007000100012
- Baumkarten, S. T., Busnello, F., & Tatsch, D. C. (2013). Adoção: conhecendo as expectativas e os sentimentos dos pais do coração. *Perspectivas em Psicologia*, 17(2), 03-19. Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/27899/15363>
- Beltrame, G. R., & Donelli, T. M. S. (2012). Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. *Aletheia*, (38-39), 206-217. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n38-39/n38-39a17.pdf>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa
- Cecílio, M. S., & Scorsolini-Comin, F. (2016). Parentalidades Adotiva e Biológica e Suas Repercussões nas Dinâmicas Conjugais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 171-182. doi: 10.1590/1982-3703003832015
- Coll, C. G., Surrey, J. L., & Weingarten, K. (1999). Mothering against the odds: Diverse voices of contemporary mothers. *Infant Observation*, 2(2), 118-121. doi: 10.1080/13698039908400553

- Costa, S. P., Prates, R. D. C. G., & Campelo, B. Q. A. (2014). Parto normal ou cesariana? Fatores que influenciam na escolha da gestante. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 4(1), 1-9. doi: 10.5902/217976928861
- Darvill, R., Skirton, H., & Farrand, P. (2010). Psychological factors that impact on women's experiences of first-time motherhood: a qualitative study of the transition. *Midwifery*, 26(3), 357-366. doi: 10.1016/j.midw.2008.07.006
- Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa* (3a ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Frizzo, G. B., Silva, P. S., Resmini, G. F., Schwochow, M. S., Leão, L. C. S., Levandowski, D. C., Lopes, R. C. S., Vieira, M. L., & Chaves, V. P. (2016). *Transição para a parentalidade adotiva: pesquisa e intervenção*. Projeto de Pesquisa não publicado.
- Heisler, J. M., & Ellis, J. B. (2008). Motherhood and the construction of “mommy identity”: Messages about motherhood and face negotiation. *Communication Quarterly*, 56(4), 445-467. doi: 10.1080/01463370802448246
- Huber, M. Z., & Siqueira, A. C. (2010). Pais por adoção: a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(2), 200-216. Recuperado de <http://www.redalyc.org/html/1938/193817420014/>
- Klaus, M. H., Kennell, J. H., & Klaus, P. H. (2000). *Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Krahl, S. & Piccinini, C. A. (2003) *Expectativas e sentimentos de mulheres que aguardam pela adoção*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Lobo, S. (2008). As condições de surgimento da mãe suficientemente boa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 4(42), 67-74. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v42n4/v42n4a09.pdf>
- Mahl, F. D., & Jaeger, F. P. (2011). “Gestar sem gerar”: consequências da indeterminação do tempo na espera pelo filho adotivo. In XV Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão (p. 1-9). Santa Maria, RS, Brasil. Recuperado de <http://www.unifra.br/eventos/sepe2011/Trabalhos/1113.pdf>
- Morelli, A. B., Scorsolini-Comin, F., & Santeiro, T. V. (2015). O “lugar” do filho adotivo na dinâmica parental: revisão integrativa da literatura. *Psicologia Clínica*, 27(1), 175-194. doi: 10.1590/0103-56652015000100010.
- Morris, M. R. (2014, February). Social networking site use by mothers of young children. In *Proceedings of the 17th ACM conference on Computer supported cooperative work & social computing* (pp. 1272-1282). New York, NY: ACM.

- Nabinger, S. B. (2010). *Adoção: o encontro de duas histórias*. Santo Ângelo, RS: FURI.
- Nolan, M. L., Mason, V., Snow, S., Messenger, W., Catling, J., & Upton, P. (2012). Making friends at antenatal classes: A qualitative exploration of friendship across the transition to motherhood. *The Journal of perinatal education*, 21(3), 178-185. doi: 10.1891/1058-1243.21.3.178
- Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Família com Bebês e Crianças (NUFABE) (2016). *Questionário sobre a adoção*. Instrumento não publicado.
- Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Família com Bebês e Crianças (NUFABE) (2016). *Entrevista sobre as expectativas e os sentimentos na adoção*. Instrumento não publicado.
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research and evaluation methods* (3ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Piccinini, C. A., Gomes, A. G. De Nardi, T., & Lopes, R. S. (2008). Gestação e a constituição da maternidade. *Psicologia em Estudo*, 13(1), 63-72. doi: 10.1590/S1413-73722008000100008
- Rampage, C., Eovaldi, M., Ma, C., Foy, C. W., Samuels, G. M., & Bloom, L. (2016). Famílias adotivas. In: Walsh, Froma. *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2006). Apoio social e experiência maternal. *Revista Bras. Crescimento Desenvol. Humano*, 16(1), 85-96. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v16n1/09.pdf>
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2011). Maternidade e situações estressantes no primeiro ano de vida do bebê. *Psico-USF*, 16(2), 215-225. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/4010/401041440010.pdf>
- Schettini Filho, L. (1998). *Compreendendo os pais adotivos*. Recife, PE: Bagaço.
- Schettini, S. S. M., Amazonas, M. C. L. A., & Dias, C. M. S. B. (2006). Famílias adotivas: identidade e diferença. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 285-293. doi: 10.1590/S1413-73722006000200007
- Slade, A., Cohen, L. J., Sadler, L. S., & Miller, M. (2009). The psychology and psychopathology of pregnancy. In: Zeanah, C. H. (Ed.). *Handbook of infant mental health*. (22-39). New York and London: Guilford Press.
- Solis-Ponton, L. (org.) (2004). *Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio do terceiro milênio*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Souza, H. P., & Casanova, R. P. S. (2012). *Adoção: o amor faz o mundo girar mais rápido*. Curitiba, PR: Juruá.

Stern, D. N. (1997). *A constelação da maternidade*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Stern, D. N., Bruschweiler-Stern, N. & Freeland, A. (1998). *The birth of a mother*. New York, NY: Basic Books.

Winnicott, D. W. (2006). *Os bebês e suas mães*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

ARTIGO 2

Mães em espera pela adoção: sentimentos relatados na habilitação à adoção e na fila do Cadastro Nacional de Adoção

Resumo

As mulheres em espera pela adoção experimentam emoções próprias da indeterminação temporal em suas transições para a maternidade. Estes anseios têm sido descritos pela literatura de forma pouco específica no que diz respeito às etapas do processo de adoção. Visto isso, este estudo teve como objetivo compreender quais os sentimentos relatados por mulheres na espera pela adoção em dois diferentes momentos: na espera no processo de habilitação à adoção e na espera na fila do Cadastro Nacional de Adoção (CNA). Participaram deste estudo quatro mulheres, com idades entre 38 e 44 anos, ativas e em espera no CNA há menos de um ano. Através da análise qualitativa dos dados, identificou-se que as diferentes fases do processo de adoção mobilizavam diferentes sentimentos. Durante a habilitação à adoção, sentimentos como a apreensão, a frustração, a dor e a morosidade foram descritos. Já na espera no CNA, os sentimentos puderam ser alocados em duas categorias: esperança e desesperança. Os resultados desta pesquisa contribuem para a literatura sobre o processo de espera na adoção através, especialmente, da elucidação dos sentimentos de apreensão, frustração, dor, morosidade, esperança e desesperança envolvidos nas distintas etapas desse.

Palavras chave: maternidade, adoção, futuras mães por adoção, habilitação à adoção, Cadastro Nacional de Adoção.

Abstract

Women waiting to adopt a child experience emotions of temporal indetermination in their transitions to motherhood. The longings involved this wait in each step of the adoption process have been described in the literature in a little specific way. Given this, the purpose of this study was to understand the feelings of women waiting to adopt in two different moments: waiting in the adoption application process and waiting in the National Adoption Registry queue. Four women, aged between 38 and 44 years, who were active and on standby in the National Adoption Registry for less than one year participated in this study. Through qualitative analysis, it was identified that each phase of the adoption process mobilized different feelings. During the adoption application process, feelings such as apprehension, frustration, pain and slowness have been described. While waiting in the National Adoption Registry, the feelings could be allocated in two categories: hope and hopelessness. The results of this research contribute to the existing literature about the adoption waiting process, especially through the clarification of the feelings of apprehension, frustration, pain, slowness, hope and hopelessness aroused in its different stages.

Key words: maternity, adoption, future adoptive mothers, adoption application, National Adoption Registry.

Introdução

O empenho dos filósofos e dos escritores literários em construir uma representação acerca do conceito tempo é incansável. Através de ensaios, poemas e poesias, eles tentam, constantemente, encontrar o sentido do tempo ao longo do curso de vida. Quando o tempo se refere à espera por algo que se anseia, ainda mais complexa torna-se sua compreensão. As reflexões neste estudo contemplarão uma espera de tempo específica: a espera na maternidade por adoção.

O processo de adoção, frequentemente, é carente de informações relacionadas ao tempo. Mães por adoção podem sofrer com a ausência de marcadores temporais e também dos ritos, na passagem para a entrada na parentalidade. Significar o início, a duração e o fim da espera pela adoção é uma forma de validar o progresso destas mulheres em relação ao seu processo de tornarem-se mães. Quando uma linha do tempo é construída pelas futuras mães adotivas, isso pode ajudá-las a enfrentar as adversidades deste processo não biológico de maternidade (Sandelowski, Harris, & Holditch-Davis, 1991).

Naturalmente, este tempo de espera é carregado de emoções. A literatura científica tem, ainda de forma escassa, tentado entender os sentimentos envolvidos na espera pela adoção. No entanto, parece não haver uma organização clara dos sentimentos relatados em cada etapa desta espera. Fala-se no período de pré-adoção (Fontenot, 2007) como aquele que se estende desde a decisão pela adoção até a chegada da criança, porém pouco se conhece sobre as especificidades de cada fase desta espera. Alguns estudos discorrem sobre os sentimentos relatados no processo de habilitação à adoção e sobre a espera das famílias habilitadas de forma conjunta e, por vezes, pouco delimitada acerca de qual período estão se referindo (Costa & Kemmelmeier, 2013; Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003; Fontenot, 2007; Huber & Siqueira, 2010, Mahl & Jaeger, 2011; Schettini, Amazonas, & Dias, 2006).

Para tentar elucidar estas duas diferentes fases de espera, é necessário primeiro entender como acontece a candidatura à adoção no Brasil. Neste país, maiores de 18 anos podem tentar a adoção de uma criança ou adolescente, independentemente do seu estado civil, respeitando a diferença mínima de 16 anos de idade entre o adotante e o adotado, entre outros critérios (Nova Lei da Adoção, 2009). De acordo com a legislação brasileira, o pretendente à adoção deve ser submetido a um processo de preparação psicossocial jurídica. Uma equipe interprofissional - que conta com, ao menos, um assistente social e um psicólogo - é responsável por acompanhar os candidatos neste processo e, também, por fornecer através de uma avaliação psicossocial os dados necessários para a tomada de decisão judicial a respeito da habilitação à adoção (Sebastiany, 2011). Ainda, parece ser um movimento recente das

equipes interprofissionais de técnicos judiciários a promoção de encontros em grupo de candidatos, a fim de otimizar o tempo de espera do processo de habilitação à adoção.

Quando no processo de habilitação, os pretendentes à adoção passam, então, a ter vivências e sentimentos próprios deste momento em sua transição para a parentalidade. Paiva (2004) e Brodzinsky e Pinderhughes (2002) mencionaram a sensação dos indivíduos de inserção em um processo avaliativo. Complementando, Paiva (2004) sugeriu que, ao entender este momento como uma avaliação, estes candidatos podem apresentar perdas em sua espontaneidade, visto que eles podem tender a um discurso mais normativo, pautado em convenções sociais ou elementos que, de acordo com suas crenças, possam ser valorizados pelos técnicos judiciários. A sensação de julgamento por parte daqueles que avaliam é relatada pelos pretendentes (Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003; Silva, 2015).

Dance e Farmer (2014) descreveram o período de habilitação como uma fase de preparação e avaliação dos candidatos à adoção. No estudo realizado por estes autores, pouco mais da metade dos 27 participantes ingleses classificou a experiência de habilitação como positiva, porém descreveram-na como intensa, difícil e emocional, o que parece soar contraditório. Já aquelas que acharam a experiência nem positiva e nem negativa e aqueles que a classificaram como negativa acabaram referindo-se a este processo como frustrante e perturbador. Cabe ressaltar que em outras regiões do mundo, como na Inglaterra ou nos Estados Unidos, as famílias que buscam a adoção podem fazê-la através de agências especializadas, diferentemente do Brasil, onde o processo é de jurisdição pública.

O sentimento de frustração ao longo do processo de habilitação à adoção, especialmente no início e no final do processo, também foi descrito na investigação de Geen, Malm e Katz (2004). Uma observação particular do estudo de Dance e Farmer (2014) foi que os participantes que classificaram a experiência de avaliação - referida assim pelos autores - como difícil sofreram atrasos em seus processos. Segundo os autores, os atrasos aconteceram tanto na entrega de exames e documentações por parte dos candidatos, quanto na marcação dos encontros entre o serviço e a família, visto que alguns avaliadores adiaram estes pelas mais diversas razões. Dificuldades de progresso na verificação de informações também tornaram este processo vulnerável aos atrasos. Estes achados corroboram com a sensação de perda de controle durante a habilitação à adoção, relatada pelos participantes do estudo de Sandelowski et al. (1991).

Com frequência, os futuros pais adotivos queixam-se da burocracia e da lentidão que experimentaram durante a habilitação à adoção (Costa & Kemmelmeier, 2013; Dance & Farmer, 2014; Gondim et al., 2008; Mahl & Jaeger, 2011). As famílias manifestam o desgaste causado pela duração do processo (Huber & Siqueira, 2010). Costa e Kemmelmeier (2013),

em seu estudo, classificaram as emoções destes futuros pais adotivos em categorias denominadas: ansiedade, paciência e burocracia. A ansiedade referia-se ao sentimento de expectativa constante na vida dos pais que lidavam com a indeterminação temporal do processo de adoção; a paciência dizia respeito à conformidade com esta espera e até mesmo um medo dos pais de que o processo de adoção não fosse resolvido pela justiça; e, por fim, a burocracia falava dos sentimentos de indignação e de revolta dos pais adotivos pelo descaso da justiça com as crianças abrigadas e seus processos. Para alguns candidatos à adoção, a burocracia pode gerar turbulências psíquicas e levar à desmotivação com o processo. Segundo os autores, a burocracia pode ser entendida, ainda, como uma falta de incentivo aos novos interessados na adoção.

Ainda sobre as emoções relatadas nesta espera, o estudo realizado pelas canadenses Daniluk e Hurtig-Mitchell (2003) encontrou que o processo de habitação à adoção era classificado como árduo e desafiador pelos participantes. Os 39 casais entrevistados nesta pesquisa indicaram que se sentiram impotentes, com raiva e frustrados. Porém, reconheceram a comoção, também, de sentimentos de solidariedade entre o casal e a sensação de que ambos tinham um propósito compartilhado. Neste mesmo estudo, os participantes referiram sentirem-se “sem saída”, visto que, apesar de suas insatisfações com o processo de habitação, deveriam suportá-lo caso desejassem a parentalidade por adoção.

Além disso, os entrevistados deste estudo demonstraram desconforto em relação às decisões quanto ao perfil da criança que desejariam adotar, referindo que estas são escolhas que outros pais raramente precisam enfrentar (Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003). Corroborando com este achado, Santos (1987) defende que pais por adoção precisam atingir um nível mais elevado na decisão de ter filho do que muitos pais biológicos. Isso porque, para adotarem, os candidatos à adoção precisam levar a diante uma série de providências e escolhas iniciais, as quais não necessariamente são refletidas e feitas em uma gestação biológica.

Assim como a decisão pela adoção pode ocorrer de imediato ou levar longos anos (Gondim et al., 2008), a espera pela criança também pode variar na questão de tempo. Com o fim do processo de habitação e o resultado positivo neste, os futuros pais por adoção entram no que Sandelowski et al. (1991) chamam de “período de espera oficial”. Estes autores salientam que os pais costumam sentir alívio ao conseguir a aprovação para habitação à adoção, pois esta é vista como um sucesso em seus esforços para alcançar a parentalidade. Segundo os autores, especialmente para os casais inférteis, a aprovação na habitação à adoção promove a sensação de estarem avançando e, portanto, fazendo progresso em direção ao tornarem-se pais. Sandelowski et al. (1991) acreditam que os futuros pais por adoção se

sentem, de alguma forma, especiais, visto que a adoção não é para todos – fazendo referência àqueles que não conseguem a aprovação.

Inicia-se, então, um novo período de espera que possui um tempo de duração indeterminado, no qual os pais estão propensos ao estresse de saber que a qualquer momento podem receber uma ligação avisando que deverão receber seu filho dentro de dois a três dias (Rampage et al., 2016). Apesar de todas as dificuldades e medos que esse processo abarca, Souza e Casanova (2012) destacam que a espera pela adoção deve ser compreendida como um momento de amadurecimento e convicção do desejo de ter um filho.

Estar na fila do Cadastro Nacional de Adoção (CNA) parece comover sentimentos específicos desta condição de espera. Alguns futuros pais por adoção podem sentir dificuldades em manterem-se animados com a possibilidade de chegada do filho com o passar dos anos (Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003; Sandelowski et al., 1991). A espera pela adoção pode ser definida por aqueles que a vivenciam como extensa, difícil, ansiogênica e desgastante (Dance & Farmer, 2014; Huber & Siqueira, 2010; Mahl & Jaeger, 2011; Schettini et al., 2006), ou, ainda, como uma tortura (Sandelowski et al., 1991). A longa espera pode levar os casais a construir uma perspectiva cada vez mais negativa em relação à espera pela adoção (Sandelowski et al., 1991). Para estes futuros pais, pode ser complicado suportar o fardo do tempo em uma espera sem roteiro. Alguns se sentem, até mesmo, à deriva no tempo (Sandelowski et al., 1991) e esquecidos ao longo desta espera, podendo reportar a impressão de que nada está acontecendo (Reppold, Chaves, Nabinger, & Hutz, 2005).

A sensação de otimismo vivenciada com as perspectivas de adoção pode dar lugar à ansiedade e à frustração de saber que um longo processo de espera se inicia. A indeterminação do tempo pode levar ao preenchimento deste com angústias que tendem a se intensificar com o passar dos anos (Mahl & Jaeger, 2011). Brodzinsky e Pinderhughes (2002) identificaram que a incerteza do período de espera geralmente leva ao sofrimento, a confusão e a sensação de desamparo. Já o estudo de Fontenot (2007) encontrou a descrição dos seguintes sentimentos a respeito da espera pela adoção: incerteza, rejeição, competição, isolamento, julgamento, apreensão, desamparo, tomada de riscos, medo e, também, esperança, alegria e amor. Percebe-se, portanto, que este período pode comover emoções complexas e, por vezes, contraditórias, em relação à transição para a parentalidade. Talvez, por esta razão, alguns estudos aconselham a busca por apoio psicológico para os futuros pais nesta fase (Gondim et al., 2008; Mahl & Jaeger, 2011; Schettini et al., 2006).

Durante a espera, os futuros pais podem experimentar uma tensão carregada de expectativas, preocupações, mas também de esperança. Os medos e as angústias destes pais em espera devem ser considerados (Schettini et al., 2006). Huber e Siqueira (2010) atentam

para a possibilidade de sofrimento durante a espera na fila para adoção. De acordo com estes autores, durante o tempo de espera pela chegada do filho, pode ocorrer o aumento das fantasias referentes à adoção e à demora, levando os futuros pais a realizarem inúmeros questionamentos a respeito desta configuração de transição para a parentalidade. Esta vivência deve ser bem elaborada, pois a combinação entre a idealização do futuro filho e os sentimentos ambivalentes e ansiogênicos pode comprometer a futura relação entre pais e filhos adotivos. O lugar reservado para a criança no imaginário dos pais pode ficar abalado (Mahl & Jaeger, 2011).

Ainda, a literatura aponta que a infertilidade é o motivo de maior incidência na busca pela adoção (Rampage et al., 2016; Schettini Filho, 1998). Portanto, pode-se sugerir que, nestes casos, a perda é um tema presente desde o início da adoção (Rampage et al., 2016). Alguns autores sugerem que o período de espera pela adoção pode compreender, também, um período de elaboração da perda do filho biológico (Mahl, Jaeger, Patias, & Dias, 2012; Schettini et al., 2006). Quando se trata da infertilidade nas mulheres, é preciso ressaltar que o fato de não conseguir engravidar pode ser interpretado como uma distorção em sua condição enquanto mulher. Para muitas, a infertilidade tem relação direta com a feminilidade. O sentimento de culpa – antes mencionado - pode surgir, especialmente, através da ideia de que são responsáveis por uma extinção genealógica e de que não podem corresponder às expectativas de seus parceiros de constituir uma família com filhos (Schettini Filho, 1998). Em alguns casos, o tempo de espera pode auxiliar a curar feridas causadas pela impossibilidade de gestar biologicamente.

É comum os pais em espera pela adoção nomearem seu processo temporal como uma gestação emocional (Schettini et al., 2006), gestação adotiva (Huber e Siqueira, 2010), ou, ainda, gestação sem barriga (Mahl & Jaeger, 2011). De fato, é importante que os futuros pais gestem um novo papel, como sugerem Cecílio e Scorsolini-Comin (2016). Os autores acreditam que neste importante momento do ciclo vital, o tornar-se pais, é preciso dedicar-se aos ajustes e adaptações que as novas tarefas e necessidades da parentalidade irão exigir.

Por fim, Sandelowski et al. (1991) observaram em seu estudo que os casais buscam um horizonte temporal, assim referido pelos autores, para darem significado à sua espera. Identificar o tempo de espera e, portanto, sua duração, auxilia na organização e regulação dos pensamentos e das atividades nesta passagem do tempo no tornar-se pais. É importante que, apesar dos momentos críticos e de sofrimento para aqueles que esperam, os futuros pais possam permitir-se esperar com alegria seu futuro filho. É importante que os futuros pais procurem manter o equilíbrio de suas vidas durante a espera, não só buscando por uma

família, mas, também, por outros movimentos que lhes trazerem prazer (Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003).

A discussão proposta salienta a importância do tema e, especialmente, a necessidade de aprofundamento desse. Diante da evidente relevância da ação temporal na espera pela adoção (Costa & Kemmelmeier, 2013; Dance & Farmer, 2014; Huber & Siqueira, 2010; Sandelowski et al., 1991; Schettini et al., 2006), torna-se imprescindível elucidar os sentimentos dos candidatos à adoção nas distintas fases deste processo. Isso porque as informações fornecidas pela literatura, até então, mostram-se pouco claras quanto ao período de espera ao qual se referem. Tendo isso em vista, este estudo tem como objetivo compreender quais os sentimentos relatados por mulheres na espera pela adoção em dois diferentes momentos: a espera no processo de habilitação à adoção e a espera na fila do CNA. Acredita-se que a análise dos sentimentos envolvidos nestes processos seja capaz de indicar elementos que caracterizam o sentido da espera nestes contextos.

Método

Participantes

Participaram deste estudo quatro mulheres que estavam, na ocasião da entrevista, aguardando há menos de um ano na fila de espera para adoção no Cadastro Nacional de Adoção em comarcas da região metropolitana de Porto Alegre. Elas tinham idades entre 38 e 44 anos e o perfil da criança desejada para três das participantes era de 0 a 2 anos e para uma entrevistada era de 0 a 6 meses de idade. Dentre estas quatro futuras mães por adoção, três referiram ter o ensino superior completo e uma indicou ter pós-graduação. Sobre o estado civil, duas das quatro participantes eram solteiras, sendo que uma delas estava em um relacionamento, e as outras duas eram casadas. Todas as participantes definiam-se como heterossexuais. Ainda, todas estavam em um processo de adoção de acordo com as leis brasileiras e desejavam uma adoção nacional.

As mulheres que integram este estudo eram participantes do projeto “Transição para a parentalidade adotiva: pesquisa e intervenção” (Frizzo et al., 2016). De acordo com este projeto, no ano de 2015, 459 famílias estavam habilitadas no CNA na comarca de Porto Alegre. Levando em conta esta informação, tornou-se objetivo deste projeto a coleta de dados de 10% destas famílias. Dentre as 45 famílias previstas como participantes, há casos envolvendo casais heterossexuais, homossexuais e pessoas solteiras, além de possíveis adoções de bebês e adoções consideradas tardias.

As participantes do projeto deveriam ser maiores de dezoito anos de idade e poderiam ter nível socioeconômico variado, bem como diferentes configurações familiares. Para o presente estudo, foram selecionados os casos de mulheres, heterossexuais, solteiras e casadas à espera de bebês de até dois anos de idade. Este critério foi utilizado para tentar compor um grupo mais homogêneo (Flick, 2009), a fim de permitir a comparação dos sujeitos entre si.

Sete possíveis participantes foram contatadas pela equipe do 2º Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre e convidadas a contribuir para a pesquisa, no entanto, duas negaram o convite. Entende-se que todos os possíveis casos foram contatados, como sugere Patton (2002) na definição de amostra por critério. Ainda, duas pessoas fizeram contato via mídias sociais, declarando seu interesse em participar do estudo. Visto isso, sete mulheres foram entrevistadas, porém três casos foram excluídos por entender-se que aspectos importantes de seus relatos tornavam o grupo heterogêneo. Em um destes casos excluídos, a mãe aguardava por uma criança de 0 a 6 anos de idade, o que a divergiu dos demais casos, visto que incluía uma possível adoção tardia (acima dos 3 anos de idade). Outro caso não pôde estar presente neste estudo, pois as vivências de espera pela adoção da participante estavam significativamente atravessadas por sua situação de doença crônica. Ainda, uma última entrevista não foi analisada neste estudo porque a participante estava vivenciando uma gestação biológica junto com a espera pela adoção e acredita-se que vieses de conteúdo poderiam acontecer devido às duas esperas paralelas.

Delineamento

Foi utilizado um delineamento de Estudo de Caso Coletivo (Stake, 1994) a fim de compreender e comparar as entrevistas das futuras mães por adoção, investigando, assim, seus sentimentos durante a espera no processo de habilitação à adoção e espera na fila no CNA.

Procedimentos

Algumas participantes foram convidadas a contribuir para o estudo através das mídias sociais. Estas mulheres entraram em contato de forma voluntária com os pesquisadores, através dos meios de contato disponibilizados. Ainda, mediante autorização do Juiz do 2º Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre (Anexo B), técnicas judiciárias fizeram contato com mulheres com o perfil de participantes deste estudo para convidá-las para colaborar com os estudos sobre adoção. Após a resposta afirmativa destas, foi estabelecido o contato entre as participantes e os pesquisadores. Logo após o contato inicial, estas mulheres foram convidadas a comparecer ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ou, então, forneceram um endereço para um encontro, no qual

assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo C). Posteriormente, elas responderam o Questionário sobre a adoção (NUFABE, 2016) (Anexo D) e a Entrevista sobre as expectativas e os sentimentos na adoção (NUFABE, 2016) (Anexo E).

Instrumentos

Questionário sobre a adoção (NUFABE, 2016): este instrumento foi utilizado para fins de levantamento sobre dados sócio-demográficos dos participantes e informações sobre o processo de habilitação para adoção.

Entrevista sobre as expectativas e os sentimentos na adoção (NUFABE, 2016): este instrumento, adaptado de Krahl & Piccinini (2003), consiste em uma entrevista semiestruturada e tem como objetivo abordar temas relativos à expectativa e aos sentimentos dos participantes em relação à adoção. Aborda também temas relacionados à experiência de estar esperando pela chegada do filho, às percepções sobre como tem sido esta experiência para o cônjuge, ao envolvimento da família extensa e às características da criança pretendida.

Considerações Éticas

O projeto de pesquisa do qual o presente estudo faz parte foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Anexo A) e atende à resolução 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (CAEE número 58061816.4.1001.5334). Enfatiza-se que o projeto conta com a autorização do Juiz do 2º Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre, que permitiu o contato com as mães habilitadas na CNA na comarca do respectivo município, com o objetivo de convidá-las a participar do projeto "*Transição para a parentalidade adotiva: pesquisa e intervenção*" (Frizzo et al., 2016).

As participantes que se prontificaram a participar deste estudo receberam, individualmente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual é possível ter acesso às informações, tais como os objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como sobre o respeito ao sigilo e à confidencialidade, a fim de proteger a privacidade dos participantes. Ainda, o termo contém os dados do pesquisador responsável e informa sobre o direito de retirar seu consentimento quando desejar, sem nenhum comprometimento a si. Esta pesquisa foi de risco mínimo para seus participantes, sendo que, se necessário, os casos poderiam ser encaminhados para atendimento psicológico no Centro de Atendimento Pais-Bebê do Instituto de Psicologia da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Análise dos dados

As informações coletadas através do “Questionário sobre a adoção” (NUFABE, 2016) foram utilizadas apenas para caracterização das participantes do projeto. Os dados da “Entrevista sobre as expectativas e os sentimentos na adoção” (NUFABE, 2016) foram analisados através de análise temática (Braun & Clarke, 2006). A análise foi realizada com o auxílio do software NVivo versão 11 para a organização das informações coletadas. Este software permite o tratamento dos dados através da codificação destes. Por meio da codificação, se estabelece uma estrutura de ideias temáticas sobre as fontes de dados. Dois principais temas foram definidos previamente: sentimentos na espera do processo de habilitação à adoção e sentimentos na espera no Cadastro Nacional de Adoção. Dentro do primeiro tema, surgiram quatro subtemas que indicavam os sentimentos presentes nesta etapa: apreensão, frustração, dor e morosidade. Já no segundo tema, foi possível identificar dois subtemas que apontavam para sentimentos expressos nesta outra etapa de espera pela adoção: esperança e desesperança.

Resultados

Para tornar claro o contexto de espera das participantes deste estudo, foi realizada uma breve descrição sociodemográfica destas (Tabela 1). Entende-se que a caracterização das mulheres entrevistadas é relevante para a compreensão de suas esperas, tanto no processo de habilitação à adoção, quanto na espera no CNA. Ressalta-se que os dados referentes à espera na habilitação à adoção foram coletados de forma retrospectiva, enquanto que as informações sobre a espera no CNA foram fornecidas durante essa etapa. Posteriormente à Tabela 1, os dados encontrados foram apresentados de acordo com as duas diferentes fases de espera na adoção investigadas neste estudo.

Tabela 1
Descrição Sócio-demográfica das Participantes

Entrevistada	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Histórico Clínico de Infertilidade	Tempo aproximado de espera do processo de habilitação à adoção	Tempo aproximado de espera no Cadastro Nacional de Adoção ^a
Participante 1 (P1)	43 anos	Solteira (namorando)	Pós-Graduação	Sim	3 meses e meio	8 meses
Participante 2 (P2)	38 anos	Casada	Superior Completo	Sim	9 meses e meio	3 meses
Participante 3 (P3)	44 anos	Solteira	Superior Completo	Sim	11 meses	8 meses
Participante 4 (P4)	42 anos	Casada	Superior Completo	Sim	1 ano e 10 meses	4 meses

^a Com base na data de entrevista.

Sentimentos na espera do processo de habilitação à adoção

Nos discursos das quatro participantes destacaram-se as exposições de sentimentos de apreensão, frustração, dor e morosidade quanto ao processo de habilitação à adoção. As entrevistadas sentiram-se, de uma forma geral, mobilizadas emocionalmente pelos encontros com os técnicos judiciários. Seus relatos evidenciaram a comoção de sentimentos relacionados ao caráter analítico do processo e, também, ao fato de darem-se conta, de uma forma mais realista, dos trâmites do processo de adoção.

Ilustrando o sentimento de apreensão, a participante 1 disse:

Foi bom, mas ao mesmo tempo apreensivo, né? Porque eu estava sendo, de certa forma, avaliada e analisada. E isso não é muito bom, né? Mas foi muito... Eu sabia que era uma causa nobre, por um bom motivo, então eu tentava relaxar como eu podia. Mas sempre aquele questionamento: 'Será que fui bem? Será que vai dar certo?'. [...] Então totalmente um sentimento, uma tremura, uma angústia total naquele momento. (P1).

Esta participante falou, ainda, sobre a falta de resposta em relação à sua habilitação, dizendo que não teve nenhum retorno e, portanto, decidiu ligar para saber sobre seu processo. Somente após o seu movimento de contato, ficou sabendo que já estava habilitada:

Na segunda eu liguei e daí um rapaz procurou (e disse:) 'não, tu estás habilitada'. E eu: 'Ah, tá, então tá, muito obrigada, não precisa mais nada? Não vai vir mais psicóloga, não vai vir mais assistente social?'. Ele: 'Não, está tudo certo, está

habilitada'. E eu: 'ah, então tá, muito obrigada'. Eu desliguei o celular e as lágrimas rolaram. (P1).

Sobre o tempo de espera, a participante 1 considerou que seu processo foi rápido. Ela falou: “[...] foram três meses que, em função de outras pessoas, foi muito rápido nesse sentido... Que, às vezes, o processo é muito mais demorado nesse sentido.” (P1).

A frustração aconteceu para as participantes de diferentes formas. Para a entrevistada 2, este sentimento estava relacionado à sua descoberta, durante o processo, de que mesmo habilitada em uma lista nacional, o CNA, existe uma organização em âmbito regional que determina que seu processo está atrelado, principalmente, ao município no qual se habilitou. Isso apareceu em sua entrevista:

[...] Pra mim esse processo é um pouco frustrante. A verdade é que, lá no dia que a gente foi se habilitar, o conhecimento que as moças nos passaram sobre o que seria a lista nacional. Pra mim foi altamente frustrante. Porque eu imaginei que a lista nacional era: eu concorro tanto quanto com todos os demais dentro da minha data da sentença. Mas não. [...] eu fiquei um pouco frustrada com essa coisa de ter botado que pode ser de qualquer lugar do Brasil e em verdade não vai ser. (P2).

Ela fez referência, ainda, aos seus sentimentos relacionados à espera: “[...] Não é ansiedade que eu sinto. Naturalmente eu sou ansiosa por uma série de coisas. Mas a ansiedade que eu sinto, ela é um misto com a frustração do processo que eu acho que é demorado” (P2). Ainda sobre o sentimento de frustração, a participante 4 mencionou a dificuldade, em seu processo, de conseguir realizar as entrevistas para a habilitação: “Eu peguei férias forenses e licença da psicóloga, eu fiquei muito frustrada com aquilo, porque eu queria o quanto antes que aquele processo terminasse pra já entrar na fila né.” (P3).

O processo de habilitação à adoção foi descrito pela participante 4 como doloroso: “Então, é dolorido, né. Dolorido para entrar, dolorido para preencher o formulário e depois dolorido para esperar. Acho que a espera é mais dolorida. E tu encontra muito mais pessoas que te estimulam a não adotar, do que adotar.” (P4). Para ela, etapas como a do preenchimento do formulário, especialmente sobre o perfil da criança desejada, foram difíceis de lidar:

[...] Um filho biológico também pode nascer com problemas de saúde. Tudo bem, mas aí tu não tens essa opção. O adotivo tu podes adotar ou não. Tu tens essa opção. [...] É diferente de um formulário pro biológico, né? E o preenchimento do formulário é muito duro... parece que tu tá comprando uma mercadoria ou escolhendo uma

mercadoria, e dá uma sensação horrível. Tu te sente uma pessoa preconceituosa, porque não é só questões de pele, tem questões de doenças tratáveis ou não tratáveis, né, das deficiências. É muito duro tu preencheres esse formulário. (P4).

É importante destacar que a participante 4 e seu marido tiveram uma resposta negativa, inicialmente, no processo de habilitação à adoção. Somente após recorrer é que eles conseguiram a aprovação:

Bem dolorido, né. É que foi negado num primeiro momento porque nós, claro, nunca tínhamos entrado, vivenciado essa questão, né. [...] E a primeira impressão foi péssima, que realmente essa criança ficou mais longe ainda pra nós do que a gente achava. É muito cansativo, a gente repete a mesma história umas vinte vezes e não é só a nossa história, é a história de todo o núcleo familiar. Existe acho que uma pressão muito grande pra ter certeza que tu queres adotar, é a impressão que a gente tem. (P4).

A morosidade foi relatada pela participante 3: “*A demora né, esse processo de adoção mesmo que é ainda moroso no Brasil, né.*” (P3). Esta participante precisou aguardar as férias forenses e, também, a licença da psicóloga responsável por seu processo para que pudesse dar seguimento ao processo de habilitação à adoção:

[...] Ninguém me ligou. Eu fui no dia marcado da entrevista, eu cheguei lá e me disseram: ‘ah, mas não, a doutora ta em licença’ (ela respondeu:) ‘e por que ninguém me avisou? Eu tive que sair do trabalho, eu tive que vir aqui. E, além disso, a expectativa, a frustração que eu tô tendo, de nem saber quando é que eu vou (encontrá-la)’, (ao que responderam-lhe) ‘ah porque, ela vai voltar e vai tirar 15 dias mais’. (P3).

Apesar destes obstáculos em seu processo, a participante 4 sentiu-se acolhida pelos técnicos judiciários: “*Eu me senti acolhida quando eu fiz as entrevistas. A psicóloga foi muito legal, gostei muito. A assistente social também, foi muito bacana. Assim, elas foram bárbaras.*” (P3).

Sentimentos na espera no Cadastro Nacional de Adoção

As quatro entrevistadas fizeram referências aos sentimentos próprios da espera no CNA, ou seja, a espera após a aprovação no processo de habilitação à adoção. Foi possível identificar que estes poderiam ser alocados em duas diferentes categorias: esperança e

desesperança. A esperança relacionou-se com relatos de tranquilidade e preenchimento do tempo de espera a fim de manter-se bem durante esse. Já a desesperança apareceu conectada aos sentimentos de frustração, dor e descrença quanto à chegada da criança e ao fim da espera.

As participantes 1 e 3 demonstraram sentimentos de esperança em seus discursos, através da sensação de tranquilidade em relação ao momento de espera no CNA:

Antes eu tava com aquela ansiedade, aquela angústia de não poder ter filho. De ter deixado pra ter tarde, não ter arriscado em fazer inseminação, enfim. E naquela dúvida, adoto ou não adoto e aí adotei. Quer dizer, me habilitei. Então acho que eu to mais relaxada, assim. Tô mais tranquila porque eu sei que no final vai dar tudo certo. Porque eu já to na fila, pode e vai demorar. Quer dizer não, não pode demorar (risos). Vai demorar, mas eu sei que vem. O meu bebê vem, é só questão de tempo né.
(P3)

Ainda, a mesma participante falou: *“Eu to na gestação mesmo, né, bem dizer. Só que é um pouquinho mais longa a minha gestação.”* (P3). Já a participante 1 mencionou: *“Eu estou muito tranquila porque quando a gente decide já tá mais ou menos tudo pensado, tudo organizado e o medo é só se eu vou ser uma boa mãe.”* (P1). Complementando, ela disse ainda: *“Eu penso nela (filha), mas tá guardadinho”* (P1).

O sentimento de ansiedade esteve presente no discurso da participante 1:

Nos primeiros meses (...) eu achei que, como eu faço aniversário, eu já achei que podia ganhar de aniversário, né? Ah, doce ilusão. Mas foi nos primeiros meses assim, parecia que o telefone ia tocar a qualquer momento sendo do Foro. Depois acho que foi acalmando aquela ideia e deu uma acalmada. (P1).

Tanto a participante 1, quanto a 4, dizem estar se envolvendo com outras atividades, especialmente relacionadas ao trabalho, para se distrair enquanto seus filhos não chegam, como fica claro na fala da entrevistada 3: *“Eu tô naquela assim que vai demorar, então eu tô me programando, tô nos meus projetos. De acordo com essa espera. Não tô naquela expectativa que vão me chamar amanhã. Tô numa transição profissional, o meu foco tá sendo isso.”* (P3).

Ambas (participantes 1 e 3) referiram que os momentos de maior dificuldade eram aqueles nos quais presenciavam crianças com os pais, ou, então, as datas comemorativas relacionadas à família: *“Caminhar no (parque) e passar pela pracinha é um sacrifício que eu*

faço (risos). Porque, ah! Eu queria tá ali com o meu bebê, brincando, entendeu?” (P3); “Eu via a propagando do dia das mães e ficava mais sensibilizada, né?” (P1).

O sentimento de desesperança estava presente nos relatos das entrevistadas 2 e 4. A participante 4 contou que recebeu a estimativa de sete a dez anos de espera para o perfil desejado de criança, o que para ela tornou a espera no CNA muito dolorida, sentimento com o qual ela já havia descrito, também, o processo de habilitação à adoção. Quando questionada sobre o que estava sendo mais difícil em seu momento de espera, essa entrevistada disse: *“(Saber) que a criança não vai chegar. Que a gente não vai aguentar a espera de sete a dez anos, né, pelo fator idade nosso” (P4).* A imprevisão no processo de adoção parecia gerar descrença quanto à chegada do filho para a participante. Neste caso, os relatos da participante eram de que ela e o parceiro acreditavam que, com o passar dos anos de espera e o aumento das suas idades, não conseguiriam dar conta das demandas de um bebê. Ela demonstrava dúvidas em relação à futura adoção: *“[...] Na verdade eu não sei se o bebê vem, o bebê tá muito longe pra mim ainda” (P4).* A incerteza do tempo tornava significativamente desconfortável a espera para esta participante: *“A gente precisa saber o que vai acontecer no futuro, que a gente não tem a bola de cristal. Preciso fazer planos além da adoção. Tem que fazer outros planos pra dar conta da não adoção, né? Pra não pirar.” (P4).* A participante 4 parecia estar descrente de que se tornaria mãe por adoção durante sua espera no CNA.

No discurso, também relacionado à desesperança, da participante 2, identificou-se a frustração com a espera: *“Eu gostaria de acreditar que vão ligar pra nós semana que vem, mês que vem, ou daqui dois meses. Mas não, é uma espera frustrante porque quem sabe daqui um ano, daqui dois anos, não sei.” (P2).* Complementando a resposta, ela mencionou que pensava em tentar se habilitar em outro lugar como forma de diminuir o tempo de espera:

De alguma forma tentar se habilitar em outro lugar, se fosse possível, que eu já sei que não é. Mas eu gostaria. Porque eu sei que é mais rápido assim. E a gente parece que perde tempo de estar com uma criança que a gente quer, um filho que a gente deseja. Acho ruim essa espera. Não é legal. (P2).

Esta entrevistada disse que pensava em pedir ao marido que solicitasse transferência em seu emprego para que eles pudessem transferir, também, o processo de adoção, o que ela acreditava que resultaria em um tempo menor de espera. Comparando a espera na adoção com a espera no processo biológico, a participante 2 demonstrou sua frustração:

Quando tu tá grávida, biologicamente, sempre tem né: ‘ah, faltam seis meses’. Tem um momento: ‘ah, agora eu sei o sexo’, ‘Agora tá com não sei quantos centímetros’. Essa é a parte que a notícia é sempre igual: esperando, esperando. Não existe ‘Agora

eu sou a décima da fila, nona da fila', não! Cada criança tem uma fila. Então, é uma espera sem fim. Essa é a parte ruim essa é a frustrante. (P2).

A descrição de uma espera sem fim e os relatos de descrença quanto à chegada do filho adotivo trazem um caráter de desesperança ao discurso das participantes 2 e 4 quanto à espera no CNA.

Em síntese, as participantes fizeram contribuições importantes para o entendimento das diferentes esperas. Na habilitação à adoção, a frustração foi mencionada por duas participantes (P2 e P3), a apreensão foi relatada por uma das entrevistadas (P1), a dor foi expressa por apenas uma participante (P4) e a morosidade foi descrita por uma entrevistada (P3). A respeito da espera na fila do CNA, as participantes que demonstraram sentimentos de esperança (P1 e P3) o fizeram de forma semelhante, através de relatos de tranquilidade e busca da ocupação do tempo de espera pelo filho adotivo com atividades especialmente relacionadas ao trabalho, as quais as proporcionavam bem-estar. Já as entrevistadas que referiram sentimentos de desesperança (P2 e P4) indicaram frustração (P2), dor (P4) e descrença quanto à chegada do filho adotivo e o fim da espera pela adoção (P2 e P4). Nos casos das participantes que demonstraram esperança (P1 e P3) não houve relatos de desesperança.

Alguns destes sentimentos, apesar de terem sido nomeados da mesma forma nas duas etapas de espera pela adoção, tinham significados diferentes de acordo com os relatos das participantes. Por exemplo, uma participante que relatou dor nas duas etapas (P4) mencionou que, na habilitação à adoção, esta emoção estava conectada às decisões quanto ao perfil da criança que desejavam adotar, enquanto que, na espera na fila do CNA, a dor fazia referência à descrença de que o filho adotivo de fato chegaria no tempo que a família considerava-se apta a recebê-lo. Ainda, os relatos de duas participantes que manifestaram frustração na habilitação à adoção tinham ligação com a percepção de que a espera seria significativamente longa (P2) e com as dificuldades de marcar os encontros com os técnicos judiciários para prosseguir com o processo (P3). Quando na fila de espera do CNA, a frustração foi relatada por apenas uma participante (P2), a qual se queixava da falta de marcadores temporais que indicassem a proximidade da chegada da criança e dizia que sua espera parecia sem fim.

Discussão

O discurso das participantes deste estudo acerca da espera no processo de habilitação à adoção e da espera no Cadastro Nacional de Adoção indicaram que há diferentes

mobilizações de sentimentos nestas duas etapas próprias da transição para a maternidade por adoção. Os resultados desta investigação, corroboram o estudo de Schettini et al. (2006) e evidenciam a necessidade de escuta dos sentimentos relatados durante a transição para a maternidade de mulheres em espera pela adoção.

A respeito dos sentimentos referentes ao processo de habilitação à adoção, as entrevistadas indicaram apreensão, frustração, dor e morosidade em suas falas. A apreensão, também encontrada no estudo de Fontenot (2007), estava relacionada, significativamente, ao processo de avaliação na habilitação à adoção. Estes achados corroboram com outros estudos (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Dance & Farmer, 2014; Paiva, 2004) que sugerem que os indivíduos que vivenciam a habilitação à adoção podem entendê-la como uma avaliação, além de terem a sensação de que estão sendo julgados (Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003). A falta de aviso sobre a sentença final da habilitação à adoção também esteve relacionada à apreensão neste processo, o que apoia os achados de Sandelowski et al. (1991) que apontam uma sensação de perda de controle devido aos problemas na verificação de informações quanto ao processo.

Ainda, a frustração nesta etapa de espera foi relatada por duas participantes. Este sentimento é frequentemente relatado nos estudos sobre a espera na adoção (Dance & Farmer, 2014; Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003; Geen et al., 2004). Para uma das entrevistadas, havia um desapontamento quanto aos trâmites do processo de adoção. A burocracia na habilitação à adoção é relatada por Costa e Kimmelmeier (2013) como responsável por turbulências psíquicas e desmotivação com o processo. Já para outra participante, a frustração estava relacionada às dificuldades em seu processo quanto ao agendamento dos encontros com os técnicos judiciários, o que foi descrito, também, no estudo de Dance e Farmer (2014).

O sentimento de dor durante a habilitação à adoção foi expressivo no relato de uma das participantes. Destacou-se esta sensação durante o preenchimento dos formulários, em especial quanto às decisões sobre o perfil da criança desejada. Este resultado corrobora com outros achados da literatura (Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003; Santos, 1987) que indicam que os pais podem sentir-se desconfortáveis, durante habilitação à adoção, com as decisões em relação ao perfil da criança que desejam adotar. O presente estudo legitima o que estes estudiosos apontaram, também, a respeito da necessidade de pais por adoção precisarem atingir um nível mais elevado de certeza em sua decisão de ter um filho, visto todas as escolhas e providências que precisam tomar na habilitação à adoção.

É importante destacar que a participante que relatou dor em seu processo de habilitação à adoção recebeu uma resposta negativa em sua primeira sentença, a qual ela recorreu e teve um retorno positivo posteriormente. O estudo de Selwyn (1991) destacou que

casais com problemas de infertilidade, como é o caso desta entrevistada, podem experimentar a sensação de perda de controle e o reforço de sentimentos de impotência diante da experiência de rejeição no processo de habilitação. Para tanto, se faz importante o acompanhamento psicológico destas famílias, a fim de elaborar os lutos ligados à infertilidade (Mahl, Jaeger, Patias, & Dias, 2012; Schettini et al., 2006) e à negação de sua única alternativa para o exercício da parentalidade.

A sensação de morosidade durante a habilitação à adoção também foi encontrada neste estudo. A lentidão nesta etapa aconteceu para uma das participantes que precisou aguardar as férias forenses e a licença da psicóloga responsável por seu processo, o que atrasou a marcação dos encontros com os técnicos judiciários. Ao buscar respostas para este problema, ela ouviu que deveria aguardar o retorno da profissional. Este dado de dificuldade quanto à demora na habilitação à adoção é bastante presente na literatura sobre o tema (Costa & Kimmelmeier, 2013; Dance & Farmer, 2014; Gondim et al., 2008; Mahl & Jaeger, 2011; Oliveira, Solto, & Silva Júnior, 2017). A indeterminação temporal do processo de habilitação à adoção causa desgaste para aqueles que lidam com esta espera (Huber & Siqueira, 2010).

Sobre os sentimentos na espera no CNA, estes foram classificados neste estudo de acordo com duas categorias que emergiram dos resultados: esperança e desesperança. A esperança esteve relacionada com a sensação de tranquilidade e com o preenchimento do tempo de espera com outras atividades de interesse da futura mãe por adoção. Por outro lado, a desesperança surgiu ligada a sentimentos de frustração e descrença sobre a chegada da criança e o fim da espera.

Duas mães relataram sentimentos de esperança em sua espera após a habilitação à adoção. Elas definiam-se como tranquilas. Uma das entrevistadas disse que, quando estava pensando sobre a inseminação artificial, experimentou uma forte sensação de ansiedade, mas que esta passou com a decisão pela adoção e não realização deste procedimento. Ela pôde sentir-se, então, relaxada, como descreveu. Os relatos desta entrevistada demonstraram a sensação de sucesso após a habilitação e, ainda, a sensação de otimismo frente à adoção. Este achado corrobora com a afirmação de Sandelowski et al. (1991) que sugeriu que indivíduos inférteis podem se sentir avançando na transição para a parentalidade quando conseguem a aprovação na habilitação à adoção. Esta mesma participante fez referência ao processo de gestação, de forma significativa, quando falou da sua espera pela adoção. Além dela, outras duas participantes também definiam sua espera como um processo de gestação, informações estas que apoiam achados da literatura (Cecílio & Scorsolini-Comin, 2016; Huber & Siqueira, 2010; Mahl & Jaeger, 2011; Schettini et al., 2006).

O preenchimento do tempo de espera pela adoção, como forma de manter a esperança diante do processo, foi apontado por duas participantes. Atividades relacionadas especialmente ao trabalho pareciam servir como uma válvula de escape (Mahl & Jaeger, 2011) para as entrevistadas. A organização e a regulação dos pensamentos e das atividades durante a espera para tornar-se mãe por adoção são importantes, pois auxiliam na construção do significado da espera dessas mulheres (Sandelowski et al., 1991). Para estas duas participantes, os momentos de maior dificuldade com a espera relacionavam-se aos encontros em espaços públicos com pais e filhos em interação e às datas comemorativas relacionadas à família, como o dia das mães. Estes achados confirmam a sugestão do estudo de Sandelowski et al. (1991) de que feriados que celebram a relação entre pais e filhos, assim como encontros casuais com pais e seus filhos, podem desencadear uma ansiedade intensa pela chegada do filho adotivo.

Entre os sentimentos descritos que foram alocados na categoria desesperança, a descrença quanto à chegada do bebê foi significativa no discurso de uma participante. Esta entrevistada já havia referenciado o processo de habilitação como doloroso e o fez também sobre sua espera no CNA. Com base em uma previsão de sete a dez anos de espera pelo filho adotivo, esta participante dizia sentir que seu bebê não chegaria e que ela e o marido poderiam desistir antes mesmo da criança chegar, devido ao avanço de suas idades. Este achado apóia a literatura que fala sobre a dificuldade dos pais em manterem-se animados com a possibilidade de chegada da criança com o passar dos anos (Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003; Sandelowski et al., 1991). Esta entrevistada demonstrava sinais de construção de uma perspectiva cada vez mais negativa em relação à espera pela adoção, como sugerem Sandelowski et al. (1991).

A frustração também foi um sentimento relacionado à desesperança neste estudo. Para uma das futuras mães por adoção, a indeterminação do tempo gerava ansiedade. O extenso tempo de espera entre a habilitação e a colocação da criança na família tem seu efeito naqueles que aguardam pela adoção, assim como indicam Dance e Farmer (2014). Como descrito na literatura, as impressões de estar à deriva no tempo (Sandelowski et al., 1991) e/ou de estar esquecido ao longo desta espera (Reppold et al., 2005) estão presentes, também, no discurso desta participante. Esta entrevistada chegou a definir a espera no CNA como uma espera sem fim, o que remete à importância da elaboração de um horizonte temporal capaz de dar significado a espera destas mulheres (Sandelowski et al., 1991).

Os achados do presente estudo indicam a importância da compreensão dos sentimentos das mulheres em espera pela adoção de acordo com uma organização temporal baseada na etapa do processo de adoção que elas vivenciam. Os sentimentos, antes relatados na literatura de forma agrupada e pouco delimitada, foram identificados e demarcados de

acordo com a fase de espera, o que elucidou as experiências das mulheres em duas diferentes esperas: na habilitação à adoção e no Cadastro Nacional de Adoção. Entende-se que a habilitação à adoção e a espera na fila do CNA são momentos distintos dentro da espera pela adoção e que comovem sentimentos com significados diferentes. Mesmo as emoções que foram nomeadas de forma igual nestas duas etapas de espera, quando analisados através do discurso das participantes, não mantinham a mesma definição. Estes resultados evidenciam a importância da escuta e da diferenciação dos sentimentos relatados nestas duas fases da espera pela adoção.

Considerações finais

Como apontado por Sandelowski et al. (1991), a falta de marcadores temporais na transição para a parentalidade por adoção denuncia a carência de informações ao longo deste processo e a necessidade de significação do tempo para quem espera. Caracterizar esta forma de tornar-se mãe através das emoções relatadas, levando em conta suas diferentes etapas, fez-se necessário para a compreensão adequada do fenômeno. Este estudo contribuiu para a literatura sobre a espera na adoção ao identificar e delimitar os sentimentos próprios da espera na habilitação à adoção e da espera no Cadastro Nacional de Adoção.

Através dos resultados deste estudo, é possível entender que existem sentimentos próprios de cada etapa da espera pela adoção. Nesta investigação, destacaram-se os sentimentos de apreensão, frustração, dor e morosidade frente ao processo de habilitação à adoção. Já na espera no CNA, os sentimentos puderam ser classificados entre duas diferentes categorias: esperança e desesperança. Apesar de sentimentos de dor e frustração do processo terem sido relatados tanto na espera na habilitação à adoção quanto na espera no CNA, estes se apresentaram de formas distintas em cada uma destas fases. Na habilitação à adoção, a dor foi expressa através das dificuldades frente às decisões em relação ao perfil da criança desejada e a frustração estava relacionada à percepção de que o tempo de espera seria longo e à dificuldade de marcar os encontros com os técnicos judiciais. Quando na fila do CNA, o sentimento de dor referiu-se à desesperança de que o filho adotivo chegaria de fato. Já a frustração esteve conectada à desesperança através de relatos de falta de marcadores temporais no processo de adoção e da sensação de uma espera sem fim. Estes achados evidenciam a importância da identificação da etapa de espera pela adoção e sugere que a descrição de um mesmo sentimento pode ter diferentes significados de acordo com o seu contexto.

Apesar de não ser foco do presente estudo, destacam-se, ainda, os esforços das futuras mães por adoção entrevistadas em tentarem criar uma linha do tempo, como sugere Sandelowski et al. (1991), para simbolizar seus processos de espera. O recurso ao termo gestação parece surgir de forma espontânea para estas mulheres que buscam explicar como se sentem ao esperarem pela chegada do filho adotivo. Uma gestação adotiva (Huber & Siqueira, 2010) ou emocional (Schettini et al., 2006), como sugere a literatura, pode ser fator protetivo para a saúde mental destas mulheres que se encontram em uma espera sem roteiro. Compreende-se que gestar psicologicamente diz respeito ao desejo destas mulheres de entregar-se ao processo de transição para a maternidade por adoção.

As limitações desta investigação dizem respeito a um pequeno número de casos investigados. Apesar disso, entende-se que todos os possíveis casos da comarca participante do estudo foram contatados e que as pessoas que se disponibilizaram, através do contato nas mídias sociais, também foram incluídas nesta investigação. Ainda, acredita-se que o acompanhamento destas mulheres durante seus anos de espera pela adoção pode resultar em um conhecimento mais profundo dos efeitos do tempo neste processo de tornar-se mãe. Nesse sentido, novos estudos poderiam ser realizados a partir de um delineamento longitudinal.

Espera-se que este estudo possa inspirar novas pesquisas sobre a espera no processo de adoção, auxiliando no aprimoramento das pesquisas sobre a parentalidade por adoção. Sugere-se algumas medidas simples que podem auxiliar a aliviar os sentimentos de angústia e frustração, como, por exemplo, o estabelecimento de avisos sobre a sentença final e encerramento do processo de habilitação. Ainda, a previsão e a precisão no agendamento dos encontros entre as famílias e os técnicos judiciários responsáveis podem significar a promoção de bem-estar para as mulheres em espera pela adoção.

Por fim, os resultados desta pesquisa reforçam o comprometimento, a força e a capacidade de resiliência, já destacados na literatura (Solchany, 1998), destas mulheres que esperam pela adoção. Manter as expectativas e, especialmente, as esperanças durante as diferentes esperas, repletas de sentimentos intensos, parece ser uma tarefa complexa. Reconhece-se que o aprimoramento dos estudos sobre o aspecto emocional das famílias em espera pela adoção é fundamental para a compreensão da constituição psicológica das famílias adotivas. Estar esperando - tanto na habilitação à adoção, quanto na fila do Cadastro Nacional de Adoção - diz respeito à transição para a parentalidade na adoção e, por isso, merece a atenção dos estudiosos sobre o tema. Além disso, destaca-se a importância de espaços de acolhida dos sentimentos advindos da espera para que os futuros pais por adoção possam, desta forma, exprimir suas opiniões e realizar trocas de experiências sobre o tema.

Referências

- Brodzinsky, D. M., & Pinderhughes, E. (2002). Parenting and Child Development in Adoptive Families. In M. H. Bornstein (ed.). *Handbook of parenting* (pp. 279-311). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cecílio, M. S., & Scorsolini-Comin, F. (2016). Parentalidades Adotiva e Biológica e Suas Repercussões nas Dinâmicas Conjugais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 171-182. doi: 10.1590/1982-3703003832015
- Costa, L. T. M., & Kimmelmeier, V. S. (2013). O olhar de futuros pais sobre o processo de adoção. *Psicologia Argumento*, 31(72), 187-196. Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20513/19769>
- Dance, C., & Farmer, E. (2014). Changing lives and changing minds: the experiences of adoptive parents from application to approval. *Adoption & Fostering*, 38(2), 101-114. doi: 10.1177/0308575914532057
- Daniluk, J. C., & Hurtig-Mitchell, J. (2003). Themes of hope and healing: Infertile couples' experiences of adoption. *Journal of Counseling & Development*, 81(4), 389-399. doi: 10.1002/j.1556-6678.2003.tb00265.x
- Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa* (3a ed). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Frizzo, G. B., Silva, P. S., Resmini, G. F., Schwochow, M. S., Leão, L. C. S., Levandowski, D. C., Lopes, R. C. S., Vieira, M. L., & Chaves, V. P. (2016). *Transição para a parentalidade adotiva: pesquisa e intervenção*. Projeto de Pesquisa não publicado.
- Fontenot, H. B. (2007). Transition and adaptation to adoptive motherhood. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing*, 36(2), 175-182. doi: 10.1111/j.1552-6909.2007.00134.x
- Geen, R., Malm, K., & Katz, J. (2004). A study to inform the recruitment and retention of general applicant adoptive parents. *Adoption Quarterly*, 7(4), 1-28. doi: 10.1300/J145v07n04_01
- Gondim, A. K., Crispim, C. S., Fernandes, F. H. T., Rosendo, J. C., Brito, T. M. C., Oliveira, U. B., & Nakano, T. C. (2008). Motivação dos pais para a prática da adoção. *Boletim de Psicologia*, 58(129), 161-170. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a04.pdf>
- Huber, M. Z., & Siqueira, A. C. (2010). Pais por adoção: a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(2), 200-216. Recuperado de <http://www.redalyc.org/html/1938/193817420014/>

- Krahl, S., & Piccinini, C. A. (2003) *Expectativas e sentimentos de mulheres que aguardam pela adoção*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.
- Mahl, F. D., & Jaeger, F. P. (2011). “Gestar sem gerar”: consequências da indeterminação do tempo na espera pelo filho adotivo. In XV Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão (p. 1-9). Santa Maria, RS, Brasil. Recuperado de <http://www.unifra.br/eventos/sepe2011/Trabalhos/1113.pdf>
- Mahl, F. D., Jaeger, F. P., Patias, N. D., & Dias, A. C. G. (2012). Enquanto a maternidade não vem: a infertilidade e a pressão social como pano de fundo para a adoção. *Pensando famílias*, 16(2), 85-102. Recuperado de https://www.researchgate.net/profile/Naiana_Patias/publication/275336957_Enquanto_a_Maternidade_Nao_Vem_A_Infertilidade_e_a_Pressao_Social_como_Pano_de_Fundo_para_a_Adocao/links/553857cf0cf2239f4e79a7d0/Enquanto-a-Maternidade-Nao-Vem-A-Infertilidade-e-a-Pressao-Social-como-Pano-de-Fundo-para-a-Adocao.pdf
- Nova lei da adoção, Pub. Lei No. 12.010 (2009). Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm
- Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Família com Bebês e Crianças (NUFABE) (2016). *Questionário sobre a adoção*. Instrumento não publicado.
- Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Família com Bebês e Crianças (NUFABE) (2016). *Entrevista sobre as expectativas e os sentimentos na adoção*. Instrumento não publicado.
- Oliveira, P. A. B. A., Souto, J. B., & Silva Júnior, E. G. (2017). Adoção e Psicanálise: a Escuta do Desejo de Filiação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(4), 909-922. doi: 10.1590/1982-3703003672016
- Paiva, L. D. (2004). *Adoção: significados e possibilidades*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research and evaluation methods* (3ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Rampage, C., Eovaldi, M., Ma, C., Foy, C. W., Samuels, G. M., & Bloom, L. (2016). Famílias adotivas. In F. Walsh, *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade* (p.222-248). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Reppold, C. T., Chaves, V. C., Nabinger, S., & Hutz, C. S. (2005). Aspectos práticos e teóricos da avaliação psicossocial para habilitação à adoção. In C. S. Hutz. (org.). *Violência e risco na infância e adolescência: pesquisa e intervenção* (p. 43- 70). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

- Robson, C. (2002). *Real world research: a resource for social scientists and practitioner-researchers* (2nd ed.). Malden, MA: Blackwell.
- Sandelowski, M., Harris, B. G., & Holditch-Davis, D. (1991). "The clock has been ticking, the calendar pages turning, and we are still waiting": Infertile couples' encounter with time in the adoption waiting period. *Qualitative Sociology*, 14(2), 147-173. doi: 10.1007/BF00992192
- Santos, N. P. F. (1987). *As possibilidades de satisfação na adoção*. Dissertação de Mestrado apresentada no Centro de Pós-Graduação em Psicologia, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Schettini Filho, L. (1998). *Compreendendo os pais adotivos*. Recife, PE: Bagajo.
- Schettini, S. S. M., Amazonas, M. C. L. A., & Dias, C. M. S. B. (2006). Famílias adotivas: identidade e diferença. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 285-293. doi: 10.1590/S1413-73722006000200007
- Sebastiany, N. (2011). *Adoção Internacional e Serviço Social*. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS, Brasil.
- Selwyn, J. (1991). Applying to adopt: the experience of rejection. *Adoption & Fostering*, 15(3), 26-29. doi: 10.1177/030857599101500307
- Silva, P. S. (2015). *Os processos de habilitação para adoção segundo técnicos judiciários do Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.
- Solchany, J. A. (1998). Anticipating the adopted child: women's preadoptive experiences. *The Canadian journal of nursing research = Revue canadienne de recherche en sciences infirmieres*, 30(3), 123-129. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10030189>
- Souza, H. P., & Casanova, R. P. S. (2012). *Adoção: o amor faz o mundo girar mais rápido*. Curitiba, PR: Juruá.
- Stake, R. E. (1994). Case Studies. In N.K. Denzin & Y.S. Lincoln (eds). *Handbook of qualitative research* (pp. 236-247). Thousand Oaks, CA: Sage.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação, que contempla o contexto de espera pela adoção, investigou as transformações da organização psíquica no sentido de tornar-se mãe e os sentimentos relatados na espera pela adoção em suas diferentes etapas que precedem a colocação da criança na família. Dois estudos empíricos surgiram como resultado da análise dos dados das participantes, em especial de seus discursos sobre o processo de espera pela adoção. Estes trabalhos, juntos, indicaram elementos das transformações psíquicas do tornar-se mãe por adoção, utilizando-se o conceito de *motherhood mindset*, e apontaram os sentimentos relatados nas diferentes etapas de espera pelo filho adotivo.

A primeira investigação teve como objetivo identificar as transformações psíquicas do processo de tornar-se mãe, de acordo com o conceito *motherhood mindset* de Stern et al. (1998), no contexto da maternidade por adoção. Estes autores sugerem, de forma sistematizada, tarefas próprias da transição para a maternidade e da formação da identidade materna. Essas tarefas indicadas foram organizadas em forma de temas e analisadas conforme o conteúdo das entrevistas de quatro mulheres em espera pela adoção. Encontrou-se neste estudo que mulheres em espera pela adoção vivenciam as transformações sugeridas por Stern et al. (1998). Dentre os 14 temas, apenas 1 não foi identificado nas experiências das futuras mães por adoção, porém cabe ressaltar que esse faz referência a uma transformação própria do contato com o bebê. Estes achados confirmaram a importância do tempo que precede a chegada do bebê, também no contexto da adoção, como um momento fundamental para a construção psíquica da identidade materna (Stern et al., 1998).

Para além destes resultados, destacaram-se as menções das entrevistadas acerca de um processo gestacional durante suas esperas pela adoção. Em um primeiro momento, esta ação pode ser identificada como um desejo pela reprodução de um processo biológico de parentalidade, como sugerem alguns autores (Costa & Campos, 2003; Vieira, 2004). No entanto, ao escutar as futuras mães por adoção, é possível perceber que nomear a espera pela maternidade diz, para elas, sobre o desejo de envolver-se com as transformações do tornar-se mãe e com o mundo parental. Assim como indica a literatura (Cecílio & Scorsolini-Comin, 2016; Huber & Siqueira, 2010; Mahl & Jaeger, 2011; Schettini et al., 2006), este estudo confirmou a importância da gestação de um novo papel, a qual é imprescindível para a formação da identidade materna destas mulheres em espera pela adoção. Desta forma, pôde-se validar e confirmar a existência de uma gestação psíquica nos casos de mães por adoção.

O segundo estudo buscou compreender quais os sentimentos relatados por mulheres na espera pela adoção durante o processo de habilitação à adoção e durante a espera na fila do

Cadastro Nacional de Adoção (CNA). As informações existentes na literatura sobre pais que aguardam pela adoção mostram-se pouco claras quanto ao período de espera ao qual se referem (Costa & Kimmelmeier, 2013; Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003; Fontenot, 2007; Huber & Siqueira, 2010, Mahl & Jaeger, 2011; Schettini, Amazonas, & Dias, 2006). Destaca-se, portanto, a originalidade deste estudo em realizar a análise das diferentes etapas de espera pela adoção. Através dos resultados desta investigação, foi possível identificar sentimentos próprios da habilitação à adoção de forma separada dos sentimentos envolvidos na espera na fila do CNA. Na habilitação à adoção, ressaltaram-se as referências à apreensão, à frustração, à dor e à morosidade. Já na fila de espera do CNA, os sentimentos relatados foram alocados em duas categorias que emergiram dos resultados: esperança e desesperança. A esperança estava relacionada, no discurso das participantes, a expressões de tranquilidade e ao preenchimento do tempo de espera com atividades - especialmente focadas no trabalho - a serviço do bem-estar das futuras mães por adoção. A desesperança apareceu através dos sentimentos de frustração, de dor e da descrença quanto à chegada da criança e ao fim da espera pela adoção.

Outro importante achado desta investigação refere-se aos esforços das futuras mães por adoção em tentarem criar uma linha do tempo que trouxesse significado aos seus processos de espera pelo filho adotivo. Foi possível identificar que este é um fator protetivo da saúde psíquica destas mulheres, como sugerem Sandelowski et al. (1991). Na busca pela simbolização desta espera, as entrevistadas recorreram, de forma significativa, ao termo gestação. A gestação emocional (Schettini et al., 2006) ou adotiva (Huber & Siqueira, 2010) parece ocupar um importante espaço na espera destas mulheres e diz respeito ao desejo dessas de envolver-se com o processo de transição para a maternidade.

Tendo em vista os resultados destes dois estudos, pode-se pensar no processo de espera pela adoção como uma preparação para a parentalidade, ação destacada na literatura devido a sua importância (Solis-Ponton, 2004). Na maternidade por adoção, esta preparação pode se estender por um longo tempo após a tomada de decisão e o início dos processos jurídicos cabíveis. Com o passar do tempo, as mulheres vão se dando conta das incumbências advindas desta forma de maternidade. O trabalho emocional necessário para o estabelecimento da futura relação mãe-filho perpassa por diversas transformações psíquicas e emocionais durante o período de espera pela adoção.

Os achados confirmam a relevância de um planejamento da parentalidade, especialmente através da construção de planos que colocam os futuros pais adotivos em posição de empatia e compartilhamento com o outro (Sanches & Simão-Silva, 2016). As investigações realizadas também destacam a importância do sonhar com a parentalidade

(Sanchez & Simão-Silva, 2016). Quando em espera e em transição para a maternidade através da adoção, as mulheres podem entender este tempo como o momento de investir nesta possibilidade de tornarem-se mães. As análises realizadas destacam a capacidade, independente de um processo biológico/fisiológico, de envolvimento com processo no sentido de ser mãe antes mesmo da chegada do filho adotivo. Badinter (1985) já apontava, no século passado, que o amor materno não está inscrito na natureza feminina, sendo esse uma construção social que independe do aspecto biológico da maternidade. O fato deste sentimento não ser inerente à condição de mulher reforça o quanto o desejo por um filho pode facilitar a entrega destas mulheres ao processo de transição para a maternidade, especialmente nos casos de adoção.

Os resultados desta dissertação corroboram com a sugestão de Houzel (2004), que indica que a experiência de parentalidade é resultado das experiências subjetivas, conscientes e inconscientes, do vir a ser mãe e do preencher os papéis parentais. A espera é uma das etapas no processo de parentalidade e ela não significa, simplesmente, estar aguardando. As análises realizadas indicam a dinâmica das transformações e das emoções ao longo desta espera, marcando, assim, a importância e a complexidade do período de espera na transição para a maternidade por adoção e, evidenciando, também, o quanto as diferentes etapas do processo envolvem sentimentos distintos.

Entende-se que este estudo possui algumas limitações, principalmente por tratar-se de uma análise de um pequeno número de casos. Porém, todos os possíveis casos foram contatados, assim como sugere Patton (2002) na definição de amostra por critério em estudos qualitativos. Este estudo, também, não acompanhou longitudinalmente estas mulheres, o que poderia auxiliar na compreensão das transformações, com o passar do tempo, de seus processos de transição para a maternidade. Sugere-se que estudos futuros realizem investigações para além destas limitações, ampliando e aperfeiçoando os resultados encontrados nesta dissertação.

Por fim, destaca-se que tornar-se mãe por adoção diz sobre a capacidade de enfrentamento destas mulheres. Elas, sem dúvidas, têm muito a ensinar sobre o real significado de esperar por um filho. As particularidades de suas esperas vão além da indeterminação do tempo; dizem respeito também aos sentimentos relatados neste processo e a uma reorganização psíquica no sentido de ser mãe na qual não se sabe quando a outra parte da díade virá (e se virá, em alguns casos) para acrescentar e ressignificar este papel. Os estudos que compõem esta dissertação confirmam a importância das pesquisas acerca da espera pela adoção, pois se entende que a escuta destas mulheres em transição para a

maternidade pode auxiliar nos planos de intervenção visando a proteção da saúde emocional das famílias adotivas.

REFERÊNCIAS

- Amim, I. D., & Menandro, P. R. M. (2007). Preferências por Características do Futuro Filho Adotivo Manifestadas por Pretendentes à Adoção. *Interação em Psicologia, 11*(2), 241-252. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pc/v27n1/0103-5665-pc-27-01-00175.pdf>
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, RJ: Novas Fronteiras.
- Baumgarten, S. T., Busnello, F., & Tatsch, D. C. (2013). Adoção: conhecendo as expectativas e os sentimentos dos pais do coração. *Perspectivas em Psicologia, 17*(2), 03-19. Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/27899/15363>
- Bowlby, J. (2006). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Cecílio, M. S., & Scorsolini-Comin, F. (2016). Parentalidades Adotiva e Biológica e Suas Repercussões nas Dinâmicas Conjugais. *Psicologia: Ciência e Profissão, 36*(1), 171-182. doi: 10.1590/1982-3703003832015
- Costa, L. F., & Campos, N. M. V. (2003). A avaliação psicossocial no contexto da adoção: Vivências das famílias adotantes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 19* (3), 221-230. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v19n3/a04v19n3.pdf>
- Costa, L. T. M., & Kemmelmeier, V. S. (2013). O olhar de futuros pais sobre o processo de adoção. *Psicologia Argumento, 31*(72), 187-196. Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20513/19769>
- Daniluk, J. C., & Hurtig-Mitchell, J. (2003). Themes of hope and healing: Infertile couples' experiences of adoption. *Journal of Counseling & Development, 81*(4), 389-399. doi: 10.1002/j.1556-6678.2003.tb00265.x
- Fontenot, H. B. (2007). Transition and adaptation to adoptive motherhood. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing, 36*(2), 175-182. doi: 10.1111/j.1552-6909.2007.00134.x
- Frizzo, G. B., Silva, P. S., Resmini, G. F., Schwochow, M. S., Leão, L. C. S., Levandowski, D. C., Lopes, R. C. S., Vieira, M. L., & Chaves, V. P. (2016). *Transição para a parentalidade adotiva: pesquisa e intervenção*. Projeto de Pesquisa não publicado.
- Estatuto da criança e do adolescente, Pub. Lei No. 8.069 (1990). Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm.
- Giacomozzi, A. I., Nicoletti, M., & Godinho, E. M. (2015). As representações sociais e as motivações para a adoção de pretendentes brasileiros à adoção. *Psychologica, 58* (1), 41-64. doi: 10.14195/1647-8606_58-1_3

- Gondim, A. K., Crispim, C. S., Fernandes, F. H. T., Rosendo, J. C., Brito, T. M. C., Oliveira, U. B., & Nakano, T. C. (2008). Motivação dos pais para a prática da adoção. *Boletim de Psicologia*, 58(129), 161-170. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a04.pdf>
- Hamad, N. (2002). *A criança adotiva e suas famílias*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Heisler, J. M., & Ellis, J. B. (2008). Motherhood and the construction of “mommy identity”: Messages about motherhood and face negotiation. *Communication Quarterly*, 56(4), 445-467. doi: 10.1080/01463370802448246
- Henriques, C., Santos, L., Caceiro, E., & Ramalho, S. (2015). Determinantes na transição para a parentalidade. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 2, 63-68. Recuperado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpesm/nspe2/nspe2a11.pdf>
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In L. Solis-Ponton (org.). *Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio do terceiro milênio* (pp. 47-51). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Huber, M. Z., & Siqueira, A. C. (2010). Pais por adoção: a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(2), 200-216. Recuperado de <http://www.redalyc.org/html/1938/193817420014/>
- Klaus, M. H., & Kennell, J. H. (1993). *Pais/bebê: a formação do apego*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Klaus, M. H., Kennell, J. H., & Klaus, P. H. (2000). *Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Mahl, F. D., & Jaeger, F. P. (2011). “Gestar sem gerar”: consequências da indeterminação do tempo na espera pelo filho adotivo. In XV Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão (p. 1-9). Santa Maria, RS, Brasil. Recuperado de <http://www.unifra.br/eventos/sepe2011/Trabalhos/1113.pdf>
- Morelli, A. B., Scorsolini-Comin, F., & Santeiro, T. V. (2015). O “lugar” do filho adotivo na dinâmica parental: revisão integrativa da literatura. *Psicologia Clínica*, 27(1), 175-194. doi: 10.1590/0103-56652015000100010.
- Nabinger, S. B. (2010). *Adoção: o encontro de duas histórias*. Santo Ângelo, RS: FURI.
- Nova lei da adoção, Pub. Lei No. 12.010 (2009). Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research and evaluation methods* (3ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Rondell, F., & Michaels, R. (1967). *The adopted family*. New York, NY: Crown Publishers.

- Rosa, D. B. (2008). A narratividade da experiência adotiva – fantasias que envolvem a adoção. *Psicologia Clínica*, 20(1), 97-110. doi: 10.1590/S0103-56652008000100007
- Sanches, M. A., & Simão-Silva, D. P. (2016). Family planning: what are we talking about?. *Revista Bioética*, 24(1), 73-82. doi: 10.1590/1983-80422016241108
- Sandelowski, M., Harris, B. G., & Holditch-Davis, D. (1991). “The clock has been ticking, the calendar pages turning, and we are still waiting”: Infertile couples' encounter with time in the adoption waiting period. *Qualitative Sociology*, 14(2), 147-173. doi: 10.1007/BF00992192
- Santos, M. A., Raspantini, R. L., Silva, L. A. M. & Escrivão, M. V. (2003). Dos laços de sangue aos laços de ternura: o processo de construção da parentalidade nos pais adotivos. *Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 4(1), 14-21. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v4n1/v4n1a03.pdf>
- Santos, N. P. F. (1987). *As possibilidades de satisfação na adoção*. Dissertação de Mestrado apresentada no Centro de Pós-Graduação em Psicologia, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Schettini Filho, L. (1998). *Compreendendo os pais adotivos*. Recife, PE: Bagaço.
- Schettini, S. S. M., Amazonas, M. C. L. A., & Dias, C. M. S. B. (2006). Famílias adotivas: identidade e diferença. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 285-293. doi: 10.1590/S1413-73722006000200007
- Solis-Ponton, L. (org.) (2004). *Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio do terceiro milênio*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Souza, H. P., & Casanova, R. P. S. (2012). *Adoção: o amor faz o mundo girar mais rápido*. Curitiba, PR: Juruá.
- Stern, D. N. (1997). *A constelação da maternidade*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Stern, D. N., Bruschiweiler-Stern, N., & Freeland, A. (1998). *The birth of a mother*. New York, NY: Basic Books.
- Vieira, J. M. (2004). *Os filhos que escolhemos: discursos e práticas da adoção em camadas médias*. Dissertação de Mestrado apresentada no Departamento de Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, SP, Brasil.
- Weber, L. (2003). *Pais e filhos por adoção no Brasil*. Curitiba, PR: Juruá.
- Weber, L. (2011). *Adote com carinho: um manual sobre aspectos essenciais da adoção*. Curitiba, PR: Juruá.
- Winnicott, D. W. (2006). *Os bebês e suas mães*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Zornig, S. M. A. J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a10.pdf>

Zornig, S. M. A. J. (2012). Construção da parentalidade: da infância dos pais ao nascimento do filho. . In C. A. Piccinini & P. Alvarenga (org.). *Maternidade e paternidade: A parentalidade em diferentes contextos*. (pp.17-34). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

ANEXO A

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -
UFRGS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Transição para a parentalidade adotiva: pesquisa e intervenção

Pesquisador: Glana Bitencourt Frizzo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 58061816.4.1001.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.765.176

Apresentação do Projeto:

O objetivo do presente estudo é investigar a transição para a parentalidade no contexto da adoção. O estudo visa investigar, de forma qualitativa e quantitativa, como se dá o processo de transição para a parentalidade adotiva, em seu aspecto psicológico, a partir da perspectiva de candidatos na fila de espera pela adoção e de adotantes que estão em estágio de convivência com a criança. Assim, este projeto inclui uma investigação abrangente e quantitativa dos candidatos e pais envolvidos no processo de adoção - em seus diferentes estágios (Estudo 1),

em todo o território nacional. O projeto tem como meta, ainda, pesquisar como é a experiência de candidatos que estão na fila de espera de adoção

de uma criança de 0 a 6 anos de idade (Estudo 2), na cidade de Porto Alegre. É prevista, também, a investigação detalhada dessa transição para a

parentalidade, através de um estudo longitudinal (Estudo 3) com adotantes da cidade de Porto Alegre. Por fim, prevê-se um estudo sobre o impacto

da psicoterapia pais-criança no contexto da adoção (Estudo 4) para auxiliar as famílias envolvidas nessa transição. A presente proposta poderá vir a contribuir para caracterizar os candidatos à adoção e os adotantes de diferentes comarcas do Brasil, fornecendo dados que podem embasar as práticas em relação aos serviços de adoção. Além disso, através do conhecimento do processo de

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 1.705.175

adoção em termos

longitudinal poderá fornecer subsídios para os técnicos do Judiciário pautarem suas ações, assim como subsidiar modificações nas políticas de adoção. Ainda, a integração entre Universidade e Poder Judiciário poderá permitir a interlocução entre os saberes e fazeres da Psicologia, Serviço Social e Direito. Por fim, a proposta de intervenção psicoterápica com famílias adotivas poderá fornecer base prática e teórica para a criação de um protocolo de intervenção em contexto brasileiro. Por ser esta uma prática com poucos registros científicos, acredita-se que trará grandes contribuições aos profissionais dos sistemas públicos de saúde e de assistência social que tem contato diário com estas famílias.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo do presente estudo é investigar a transição para a parentalidade no contexto da adoção. O estudo visa a investigar, de forma qualitativa e quantitativa, como se dá o processo de transição para a parentalidade adotiva, em seu aspecto psicológico, a partir da perspectiva de candidatos na fila de espera pela adoção e de adotantes que estão em estágio de convivência com a criança. Assim, este projeto inclui uma investigação abrangente e quantitativa dos candidatos e pais envolvidos no processo de adoção - em seus diferentes estágios (Estudo 1), em todo o território nacional. O projeto tem como meta, ainda, pesquisar como é a experiência de candidatos que estão na fila de espera de adoção de uma criança de 0 a 6 anos de idade (Estudo 2), na cidade de Porto Alegre. É prevista, também, a investigação detalhada dessa transição para a parentalidade, através de um estudo longitudinal (Estudo 3) com adotantes da cidade de Porto Alegre. Por fim, prevê-se um estudo sobre o impacto da psicoterapia pais-criança no contexto da adoção (Estudo 4) para auxiliar as famílias envolvidas nessa transição.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

São previstos riscos mínimos para a participação, já que pode haver algum desconforto em responder os instrumentos.

Benefícios:

Acredita-se que a presente proposta poderá vir a contribuir para caracterizar os candidatos à adoção e os adotantes de diferentes comarcas do

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 91.095-009
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 1.705.176

Brasil, fornecendo dados que podem embasar as práticas em relação aos serviços de adoção. Além disso, através do conhecimento do processo de adoção em termos longitudinais poderá fornecer subsídios para os técnicos do Judiciário pautarem suas ações, assim como subsidiar modificações nas políticas de adoção. Ainda, a integração entre Universidade e Poder Judiciário poderá permitir a interlocução entre os saberes e fazeres da Psicologia, Serviço Social e Direito. Por fim, a proposta de intervenção psicoterápica com famílias adotivas poderá fornecer base prática e teórica para a criação de um protocolo de intervenção em contexto brasileiro. Por ser esta uma prática com poucos registros científicos, acredita-se que trará grandes contribuições aos profissionais dos sistemas públicos de saúde e de assistência social que tem contato diário com estas famílias.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Metodologia de Análise de Dados:

Estudo I: Perfil, experiências e crenças de cuidado dos candidatos à adoção e dos adotantes do Brasil -

Análise de dados: Será utilizada estatística

descritiva a fim de fazer um mapeamento acerca do perfil dos adotantes (Robson, 2002). Também poderão ser utilizadas análises de correlação,

testes t e ANOVAS para verificar a associação entre características dos candidatos e adotantes e as variáveis dependentes investigadas (crenças e

práticas parentais, motivações para adoção, relação com os serviços de adoção). Estudo II: Experiências e expectativas frente à adoção e à criação

de candidatos inscritos no CNA - Análise dos dados: Os dados das entrevistas serão analisados a partir da análise temática (Braun & Clarke, 2006)

com o auxílio do software NVivo 10 ("NVivo Qualitative Data Analysis Software (Version 10)," 2012). O objetivo será identificar os principais

conteúdos que exponham o que é a experiência de estar esperando pela adoção de um filho. Serão utilizadas estatísticas descritivas para a

caracterização da amostra em relação aos dados quantitativos obtidos, bem como estatísticas correlacionais, visando verificar eventuais

associações entre ansiedade, depressão e outras variáveis, como o ajustamento conjugal, o suporte familiar e a vinculação aos próprios pais. Estudo

III: Tomar-se pai e mãe no contexto da adoção - Os dados das entrevistas serão analisados a

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 91.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cnp-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 1.705.176

partir da análise de temática (Braun & Clarke, 2006), com o auxílio do software NVivo 10 ("NVivo Qualitative Data Analysis Software (Version 10)," 2012). O objetivo será identificar os principais conteúdos que exponham o que é a experiência de estar vivenciando a adoção de um filho ao longo dos primeiros seis meses de convivência.

Também serão utilizadas estatísticas descritivas para a caracterização da amostra em relação aos dados quantitativos obtidos, bem como estatísticas correlacionais, visando verificar eventuais associações entre ansiedade, depressão e outras variáveis, como o ajustamento conjugal, o suporte familiar e a vinculação aos próprios pais. Essas análises contemplarão os três momentos de coleta de dados, visando-se obter um panorama das eventuais modificações em relação aos aspectos investigados ao longo do tempo. Estudo IV:

Psicoterapia breve pais-criança no contexto da adoção - Análise estatística descritiva será inicialmente utilizada para se descrever as diversas variáveis investigadas antes e após a psicoterapia (saúde mental dos pais, problemas de comportamento das crianças, relacionamento conjugal), além do relacionamento com a criança, avaliado através dos vídeos das sessões de psicoterapia. Num segundo momento será utilizado teste t com amostras pareadas para comparar os escores dos participantes nessas variáveis examinadas antes e após a intervenção.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta todos os termos obrigatórios. Os TCLE foram revistos de forma a contemplar as sugestões do parecerista. Todas as pendências foram atendidas.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está ética e metodologicamente adequado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
 Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3308-5608 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 1.705.176

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_689792.pdf	26/09/2016 13:32:57		Aceito
Outros	Carta_Alteracoes.pdf	26/09/2016 13:31:55	Patricia Santos da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_EstudoIV_Alterado.pdf	26/09/2016 13:18:05	Patricia Santos da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudoll_Alterado.pdf	26/09/2016 13:17:56	Patricia Santos da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudoll_Alterado.pdf	26/09/2016 13:17:49	Patricia Santos da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudol_Alterado.pdf	26/09/2016 13:16:34	Patricia Santos da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_cep_alterado.pdf	26/09/2016 13:15:54	Patricia Santos da Silva	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	22/07/2016 12:58:48	Giana Bitencourt Frizzo	Aceito
Outros	folha_rosto.jpg	22/07/2016 12:56:32	Giana Bitencourt Frizzo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_ASSENTIMENTO_JUIZ.pdf	18/07/2016 13:22:53	Patricia Santos da Silva	Aceito
Outros	compesq.pdf	18/07/2016 11:59:34	Giana Bitencourt Frizzo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 07 de Outubro de 2016

Assinado por:
Clarissa Marcell Trentini
(Coordenador)

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

ANEXO B



Termo de Concordância com Proposta de Pesquisa

Eu, Marcelo Mairon Rodrigues, juiz do 2º Juizado da Infância e Juventude da cidade de Porto Alegre, conheço o projeto de pesquisa intitulado "**Transição para a parentalidade adotiva: pesquisa e intervenção**", que tem como pesquisadora responsável **Giana Bitencourt Frizzo**, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Declaro que concordo com a execução do projeto mediante aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, preservado o sigilo dos dados.

Porto Alegre, 19 de abril de 2016.



Marcelo Mairon Rodrigues
Juiz de Direito

ANEXO C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Estudo II: Experiências e expectativas de candidatos à adoção inscritos no CNA frente à adoção e à criança

Estamos convidando você a participar do estudo “Experiências e expectativas de candidatos à adoção inscritos no CNA frente à adoção e à criança” que tem como objetivo investigar de maneira mais aprofundada a experiência de estar esperando pela adoção de um filho, após a inserção no Cadastro Nacional de Adoção na comarca de Porto Alegre. Mais especificamente, espera-se identificar questões relativas às suas expectativas e seus sentimentos em relação à adoção e à criança que espera receber.

Para alcançar os objetivos do estudo será realizada uma entrevista individual, gravada em áudio, com duração aproximada de 60 minutos, na qual você irá responder algumas perguntas a respeito de seus dados de identificação pessoal, demográficos, da experiência de estar esperando pelo seu filho e das suas expectativas em relação à adoção.

Seus dados de identificação serão confidenciais e reservados, não sendo divulgados na publicação dos resultados, já que servirão apenas para caracterizar o público que está colaborando com a pesquisa. As gravações serão utilizadas somente para este estudo, sendo armazenadas pela coordenadora da pesquisa durante 5 (cinco) anos e, após este período, serão deletadas. Os riscos para participação dessa pesquisa são mínimos, já que poderá haver desconforto ao responder algumas perguntas feitas pelo entrevistador. Se sua participação mobilizar algum sentimento em que você necessite atenção psicológica, poderá comunicar ao entrevistador ou entrar em contato com os pesquisadores responsáveis através dos e-mails e dos telefones disponibilizados que, em um primeiro momento, prestaremos um acolhimento psicológico e, em seguida, o encaminharemos para um serviço especializado.

Os valores gastos em passagens de transportes públicos para deslocamento até o local das entrevistas poderão ser ressarcidos, ou seja, você não terá nenhum custo em participar da pesquisa. Neste momento, você pode não ter benefícios diretos desta pesquisa, mas através de sua participação, futuras pais e mães adotivos e os profissionais que trabalham com esse público poderão ser beneficiados. Não há remuneração prevista por sua participação.

Você terá a liberdade de retirar o seu consentimento, a qualquer momento, sem que isto traga prejuízo para sua vida pessoal. Você receberá informações sobre este projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e, em caso de dúvida ou novas perguntas, poderá entrar em contato com a pesquisadora Profa. Dra. Giana Bitencourt Frizzo, no Instituto de Psicologia da UFRGS. Caso queira contatar com a equipe, isto poderá ser feito pelo telefone 3308-5338 ou 9712-9343.

Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que pode ser contatado pelo fone 3308-5698 ou e-mail **cep-psico@ufrgs.br**.

Você receberá cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com a equipe de pesquisa.

Porto Alegre, ____, de _____ de 20__.

Nome do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Professora Dra. Giana Bitencourt Frizzo

Pesquisador Responsável

ANEXO D

Questionário sobre a adoção (NUFABE, 2016)

1. Dados Gerais

() Mãe () Pai

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: ____ anos Local de nascimento: _____

Raça/étnia: _____

Endereço atual: _____

Bairro: _____ Cidade/UF: _____

Fone: _____ Celular: _____ Email: _____

Status de relacionamento: () solteiro(a) () namorando () casado(a) () morando junto () separado(a)/divorçado(a) () viúvo(a)

Se casado ou morando junto, tempo de união: _____

Escolaridade: () nenhuma () Ensino Fundamental - ____ série () Ensino Médio - ____ série () Superior () Curso Técnico () Pós-Graduação () Outro _____

Ainda está estudando? () não () sim

Atualmente está trabalhando? () sim () não () aposentado(a)

Qual sua ocupação: _____ Quantas horas de trabalho/semana? _____

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

- | | |
|---|---|
| () Nenhuma renda | () De 6 a 9 salários mínimos (R\$ 5.622,00 até R\$ 8.433,00) |
| () Até 1 salário mínimo (até R\$ 937,00) | () De 9 a 12 salários mínimos (R\$ 8.433,00 até R\$ 11.244,00) |
| () De 1 a 3 salários mínimos (R\$ 937,00 até R\$ 2.811,00) | () De 12 a 15 salários mínimos (R\$ 11.244,00 até R\$ 14.055,00) |
| () De 3 a 6 salários mínimos (R\$ 2.811,00 até R\$ 5.622,00) | () Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 14.055,00) |

Quantas pessoas dependem dessa renda? _____

Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você? _____

Tem religião? () sim () não Qual? _____ É praticante? () sim () não

2. Dados do companheiro(a) atual

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: ____ anos Local de nascimento: _____

Raça/étnia: _____

Endereço atual: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Fone: _____

Celular: _____ Email: _____

Escolaridade: () nenhuma () Ensino Fundamental - ____ série () Ensino Médio - ____ série () Superior () Curso Técnico () Pós-Graduação () Outro _____

Ainda está estudando? () não () sim

Atualmente está trabalhando? () sim () não () aposentado(a)

Qual ocupação: _____ Quantas horas de trabalho/semana? _____

Tem religião? () sim () não Qual? _____ É praticante? () sim () não

Seu companheiro (a) tem outros filhos? () sim () não Quantos? _____ Idades: _____

3. Antes da adoção- dados sobre o processo

Como foi seu processo de adoção () sozinho(a) () com seu com meu/minha companheiro(a)

Quais os motivos que o levaram a decidir pela adoção de uma criança? (você pode marcar mais de uma alternativa)

() por infertilidade: () minha () de meu/minha companheiro(a) () de ambos Qual? _____ ou

() desconhecida

() impossibilidade de gestar por outro motivo que não a infertilidade Qual? _____

() desejo de formar uma família

() vontade de ter um filho

() desejo de ajudar uma criança

() outro motivo: _____

Caso a motivação tenha sido a infertilidade ou impossibilidade de gestar, responda:

Tentou tratamentos de reprodução assistida? () sim () não

Por quanto tempo? _____ Quais? _____

Houve abortos anteriores à adoção? () não () sim Quantos? _____ espontâneo(s) _____ induzido(s)

Quando? _____

De quem partiu a ideia de adoção? () minha () do meu/minha companheiro(a)

() de ambos () de meu médico () outros: _____

Depois de aproximadamente quanto tempo conversando/pensando sobre o assunto você resolveu se candidatar à adoção? _____

Quando iniciou o processo de habilitação? _____ Quando saiu a decisão? _____

No processo de habilitação, que perfil da criança você decidiu?

Sexo () F () M () ambos

Idade: Qual faixa etária? _____

Cor da pele: Quais? _____

Aceita grupo de irmãos? () sim () não Até quantos? _____ Qual faixa etária dos irmãos? _____

Aceita doença tratável? () sim () não

Aceita doença não tratável? () sim () não

Aceita deficiência? () sim () não

Houve mudança do perfil escolhido durante o processo? () sim () não Alterações do perfil:

Já aconteceram outras adoções na sua família? () não () sim. Qual grau de parentesco? _____

Qual a idade da criança quando foi adotada? _____

Foi uma adoção realizada pelas vias legais? () não () sim

Os filhos sabem que são adotados? _____

Você participou ou participa de algum grupo de apoio sobre adoção? () sim () não

Qual? _____ Por quanto tempo? _____

Você tem ou teve acompanhamento psicológico motivado por questões da adoção? () não () sim

Quando iniciou? _____ Permaneceu em atendimento? () sim () não - Encerrado em: _____

Qual motivo? _____

Se não teve atendimento psicológico, sente necessidade desse tipo de acompanhamento? () Sim

() Não

O próximo bloco é referente ao período após a adoção. Caso não tenha adotado, passe para parte final

4. Dados sobre seu filho(a)

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: ____ anos Local de Nascimento: _____

Raça/etnia: _____

Tempo de acolhimento institucional: _____ Cidade de acolhimento: _____

Possui irmãos: () sim () não Quantos: _____

Você sabe sobre a origem biológica do seu filho? () sim () não

Seu filho frequenta creche/escola: () não () sim, particular () sim, pública

Quanto tempo ficou na fila de espera até conhecer seu filho? _____ Quanto tempo ficaram em aproximação? _____ Data da chegada de seu filho na sua família: ____/____/____

Tempo de estágio de convivência: _____ Ainda está em estágio de convivência? () sim () não

Houve sentença de adoção (final)? () não () sim Data: ____/____/____

Seu filho tem ou teve acompanhamento psicológico motivado por questões da adoção? () não () sim

Quando iniciou? _____ Permaneceu em atendimento? () sim () não - Encerrado em: _____

Qual motivo? _____

Informações finais

Caso precisemos entrar em contato com você novamente, por favor deixe algum outro contato:

Gostaria de ser avisado para participar de outras pesquisas sobre adoção? () sim () não

Gostaria de indicar alguma pessoa que gostaria de participar dessa pesquisa? Qual o contato?

Comentários, observações, sugestões (opcional):

ANEXO E

ENTREVISTA SOBRE AS EXPECTATIVAS E OS SENTIMENTOS NA ADOÇÃO

Adaptação da Entrevista sobre as expectativas e sentimento dos pais que aguardam pela adoção (Krahl & Piccinini, 2002)

1. Gostaria que falasse sobre este momento de espera pela adoção, desde o momento que resolveste adotar até agora:

(caso não tenha mencionado): Poderias me falar um pouco mais sobre....

- O que representa para ti a adoção?
- De quem partiu a decisão de adotar? Tua, teu/tua companheiro (a), ou ambos? Quem teve a idéia inicialmente?
- Como tu estás te sentindo desde que foi tomada esta decisão?
- Quais as tuas preocupações em relação à adoção?
- O que tu percebes de positivo em relação à adoção?
- O que tu percebes de negativo em relação à adoção?
- Como foi o processo de habilitação?
- Como está sendo esperar pelo teu bebê/tua criança?
- O que está sendo mais difícil para ti neste momento em relação à espera pela adoção?
- O que está sendo bom/agradável para ti neste momento em que espera pela adoção?
- Tu observaste mudanças na tua vida desde que tomou a decisão pela adoção?
- Tu observaste mudanças nos teus sentimentos desde que tomou a decisão de adotar?
- Como está a tua saúde neste momento? *(explorar: física e mental)*

2. Poderias me contar como tem sido para o teu/tua companheiro(a) a espera pela adoção?

(caso não tenha mencionado): Poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como o (a) teu/tua companheiro (a) está se sentindo em relação à decisão da adoção?
- Tu achas que esta decisão mudou alguma coisa nele (a)?
- E no relacionamento entre vocês?
- Quais são as preocupações dele (a) em relação à adoção?
- Que tipo de apoio tu tens esperado dele (a) nesse período de espera?
- Que tipo de apoio ele (a) tem oferecido?
- Quem de vocês dois está mais envolvido com o processo da adoção?

3. Poderias me contar um pouco sobre a reação da tua família e da família do teu/tua companheiro (a) em relação à decisão da adoção?

(caso não tenha mencionado): Poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como a tua família reagiu em relação à decisão de adotar? *(explorar: tua mãe, teu pai)*
- Os teus pais têm te aconselhado neste período de espera pelo (a) bebê/criança? Se sim, o que eles te dizem? *(explorar: mãe)*
- Como reagiu a família do teu/tua companheiro (a) à decisão pela adoção?
- E os teus amigos, como reagiram à tua decisão de adotar?
- Alguém na tua família, ou próximo a ti, tornou-se pai ou mãe através da adoção?
- Quem são as pessoas que mais te apóiam neste momento?

- Esperas a ajuda de algum familiar (ou amigo ou profissional) quando o bebê/a criança chegar?

4. Agora eu gostaria que tu me falasses sobre o bebê/a criança que tu queres adotar:

(caso não tenha mencionado): Poderias me falar um pouco mais sobre...

*** (caso seja um bebê)**

- Vocês pensaram em um nome para o bebê?
- Quem escolheu este nome?
- Como imaginas o bebê?
- Que características físicas imaginas que o bebê vai ter?
- Imaginas o bebê parecido com alguém? Com quem?
- Como imaginas que vai ser o temperamento, o jeito dele (a)? Por quê?

*** (caso seja uma criança)**

- Vocês pensam em mudar o nome da criança?
- Que características físicas imaginas que a criança vai ter?
- Imaginas a criança parecido com alguém? Com quem?
- Como imaginas que vai ser o temperamento, o jeito dele (a)? Por quê?

5. Como imaginas o teu relacionamento com o bebê/a criança que irás adotar?

(caso não tenha mencionado): Poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como te imaginas como mãe/pai?
- Quando te imaginas como mãe/pai, tu pensas em alguém como modelo?
- Quem seria? Como ela/ele é/era como mãe/pai?
- Tem alguém que tu não gostarias de ter como modelo de mãe/pai?
- E os teus pais, como imaginas ou lembras que eles eram contigo?
- Como te imaginas atendendo o teu bebê/ tua criança? (alimentando, consolando, brincando, fazendo dormir)
- O que te imaginas fazendo com o bebê/a criança?
- Tu achas que teu bebê/ tua criança vai ser capaz de te mostrar se já gosta de algo?
- Como tu achas que vai ser entender o que teu bebê/tua criança quer/precisa?

6. Como tu imaginas o relacionamento do teu/tua companheiro (a) com o bebê/a criança?

(caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como achas que ele/ela vai ser como pai/mãe?
- Como achas que vai ser o jeito de ele/ela lidar com o bebê?
- Achas que vais pedir ajuda ao teu/tua companheiro (a) nos cuidados com o bebê/a criança?
- Em que achas que ele/ela vai te ajudar?
- Quando imaginas o teu/tua companheiro (a) como pai/mãe, pensas em alguém como modelo?
- Quem seria? Como ele/ela é/ era como pai/mãe?

7. O quanto tu achas que o bebê/a criança irá mudar a tua vida e a do teu/tua companheiro (a)?

(caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Em que aspectos pensas que ocorrerão mudanças? (*explorar: carreira e trabalho*)
- Como achas que vai te sentir com estas mudanças? (*explorar: novo papel na família, novo papel na sociedade*)
- E quanto ao relacionamento de vocês dois? O quanto será afetado com a chegada do bebê/da criança? Em que aspectos?
- Como achas que vai te sentir com estas mudanças?
- Tu sentes que algo já mudou em ti depois da decisão pela adoção?

8. Como achas que teu filho (a) vai ser quando crescer?

(caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como imaginas que vai criar o teu filho (a)?
- O que esperas para teu/tua filho (a) quando ele (a) crescer?
- O que esperas para ele (a)?
- O que não gostarias para ele (a)?
 - Tu pensas em falar para ele (a) sobre ser adotivo?
 - Como tu imaginas contar para ele (a)?
 - Como tu imaginas que ele (a) vá compreender a adoção?

9. Gostarias de fazer mais algum comentário sobre estes pontos que a gente conversou?